

LUAN HENRIQUE GIROTO FERREIRA

**O ACERVO GLOBO E AS POSSIBILIDADES DE USO E FUNÇÃO DAS
TIPOLOGIAS DOCUMENTAIS PARA DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS
EM EMISSORAS DE TELEVISÃO**

MARÍLIA/SP

2018

LUAN HENRIQUE GIROTO FERREIRA

**O ACERVO GLOBO E AS POSSIBILIDADES DE USO E FUNÇÃO DAS
TIPOLOGIAS DOCUMENTAIS PARA DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS
EM EMISSORAS DE TELEVISÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada à banca de Defesa do Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Marília.

Área de Concentração: Informação, Tecnologia e Conhecimento. Linha de Pesquisa: Gestão, Mediação e Uso da informação

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosângela Formentini Caldas



MARÍLIA/SP

2018

Ferreira, Luan Henrique Giroto.

F383a O acervo Globo e as possibilidades de uso e função das tipologias documentais para desenvolvimento de arquivos em emissoras de televisão / Luan Henrique Giroto Ferreira. – Marília, 2018.
119 f. ; 30 cm.

Orientadora: Rosângela Formentini Caldas.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, 2018.

Bibliografia: f. 103-114

1. Rede Globo. 2. Arquivos e arquivamento (Documentos). 3. Arquivos audiovisuais. 4. multimeios. I. Título.

CDD 025.171

Elaboração: André Sávio Craveiro Bueno
CRB 8/8211

Unesp – Faculdade de Filosofia e Ciências

LUAN HENRIQUE GIROTO FERREIRA

**O ACERVO GLOBO E AS POSSIBILIDADES DE USO E FUNÇÃO DAS
TIPOLOGIAS DOCUMENTAIS PARA DESENVOLVIMENTO DE ARQUIVOS
EM EMISSORAS DE TELEVISÃO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (Unesp), câmpus de Marília – como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora _____

Profa. Dra. Rosângela Formentini Caldas
Universidade Estadual Paulista - UNESP, SP

2º Examinador _____

Profa. Dra. Marcia Cristina de Carvalho Pazin Vitoriano
Universidade Estadual Paulista - UNESP, SP
Titular

3º Examinador _____

Profa. Dra. Dunnia Llannes Padrón
Universidade de La Habana
Titular

Local: Faculdade de Filosofia e Ciências / Universidade Estadual Paulista –
Câmpus de Marília

Data:

Dedico este trabalho a minha avó, meu amor maior.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família por toda paciência e embasamento que tiveram comigo durante essa jornada do Mestrado. Destaco em especial a minha avó, uma mulher guerreira, acolhedora e ser humano que me inspire para ser melhor a cada dia. Este trabalho, assim como tantos outros será para ela.

Aos meus amigos pessoais de longa data Taynara, Marcos e Carolina. A cumplicidade do Danilo Sato para todas as ocasiões e ao bonde da mansão eventos.

Ao Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da UNESP/Marília local que obtive um enorme crescimento pessoal e profissional. Saliento as aulas e as pessoas que os integram, em especial a turma de ingressantes de 2016. Sem dúvidas, foram construídas fortes amizades, companheirismo e a ideologia de compartilhar.

Durante grande parte da minha permanência no PPGCI, obtive auxílio da CAPES que me proporcionou dedicação exclusiva para o mestrado.

Para a realização desta pesquisa, contei novamente com o companheirismo da Professora Doutora Rosângela Formentini Caldas, minha orientadora, amiga e exemplo de força e inteligência. Mais um degrau foi alcançado com a sua ajuda.

Aos membros do Grupo de Pesquisa ICIO por todas as trocas de informações e cafés as quintas-feiras. Certamente é um crescimento contínuo a cada semana.

Agradeço imensamente a minha Banca de Qualificação e de Defesa composta pela Professora Doutora Marcia Pazin, a Professora Doutora Dunia Llanes Padrón e a Professora Doutora Marta Lúcia Pomim Valentim, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento deste trabalho.

A equipe de Comunicação da Rede Globo de São Paulo por toda presteza nas trocas de e-mails e nas soluções de dúvidas. “Em especial” ao Sr. Juan Crisafulli. A equipe do ACERVO de São Paulo que me receberam muito bem, sanando todas as dúvidas sobre a temática da pesquisa.

Não menos importante, agradeço ao Hospital do Amor de Barretos e em especial ao Departamento de Patologia na qual estou atuando como Arquivista.

Espero que com este trabalho, possam surgir outras ideias para novas pesquisas. Há uma grande carência da temática na literatura da área.

“Iluminar, iluminar, essa é minha missão e a do sol”.

Olga Benário Prestes

RESUMO

Com a vasta produção de documentos que ultrapassam o suporte papel no contexto arquivístico, vêm sendo discutida novas dimensões conceituais que possam compreender a informação registrada sem se limitar aos formatos, formas ou suportes. Considerando que os arquivos em emissora de televisão possuem diferentes configurações de registro da informação e que são significativos os estudos para área da Ciência da Informação e da Arquivologia, verificou-se os processo informacionais relacionados aos documentos existentes na emissora de televisão da Rede Globo. Cada suporte apresenta possibilidade de uma diversidade de formatos, estruturas e acessos a partir de suas características e pode-se entender o contexto vinculado a estes arquivos como uma nova possibilidade de mercado de atuação profissional e campo científico em construção. Para tanto, procedeu-se à pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva utilizando o método de pesquisa documental e de estudo de caso. O universo de pesquisa foi ao acervo da Rede Globo de Televisão em São Paulo por se tratar de seu rico apoio às pesquisas acadêmicas e do vasto acervo audiovisual de documentos custodiados. Desse modo, observou-se mediante a visita técnica ao acervo que os documentos em suportes diferentes ao papel utilizados como documentos possuem amplo uso nos produtos oferecidos pela instituição, o que permite concluir que auxiliam no desenvolvimento, na promoção e na construção da memória organizacional da emissora.

Palavras-chave: Arquivo; Documentos; Documentos não convencionais; Rede Globo; Materiais especiais.

ABSTRACT

With the wide production of documents exceeding the paper in archival context, new conceptual dimensions that can understand the information without being confined to the formats, forms or supports have been discussed. Considering that the documents have different configurations of information registration and that they lack studies in the area of information science and archivology, the objective is to verify the contribution of non-conventional documents to the production of new activities of a television station. Each support presents a diversity of formats, structures and availability from its characteristics and one can understand the context linked to these archives as a new possibility of market and scientific field in construction. To do so, we proceed to the qualitative approach of descriptive and exploratory type with case study method and content analysis. The universe of research was due to the influence of Rede Globo television in support of academic research and the rich creative collection of documents in custody. In this way, it is observed that documents in different media such as clothes, dishes, coins and iconographic documents used have wide use in the products offered by the institution, which allows to conclude that they assist in the development, promotion and construction of the organizational memory of the broadcaster.

Key words: Archive; Documents; Unconventional documents; Rede Globo.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Informação como processo circunstancial	33
Figura 2 Relação objeto/documento em três níveis	34
Figura 3 Funções presentes em Centro de Memória	48
Figura 4 A memória na organização	68
Figura 5 Modelo de Memória organizacional	69
Figura 6 Perucas da Emília	83
Figura 7 Acervo indumentário da TV Globo	84
Figura 8 Formato do ACERVO Globo São Paulo	89
Figura 9 Processo de pedidos no ACERVO Globo São Paulo	93
Figura 10 Classificação dos documentos audiovisuais do ACERVO Globo São Paulo	96

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 Conjuntura do uso da informação	32
Quadro 2 Dimensão comparativa do documento na Ciência da Informação e Arquivologia	40
Quadro 3 Relação de termos vs. autores para documentos especiais	43
Quadro 4 Tipos de documentos em centro de documentação e memória	46
Quadro 5 Aplicabilidade do termo arquivístico	51
Quadro 6 Ideias centrais do Manual dos arquivistas holandeses	59
Quadro 7 síntese da primeira etapa da Análise de Conteúdo	78
Quadro 8 Ficha descritiva de conteúdo dos documentos audiovisuais do ACERVO Globo São Paulo	90
Quadro 9 Classes de conteúdo do ACERVO Globo São Paulo	95

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
2 DOCUMENTO: O CONCEITO A PARTIR DA ARQUIVOLOGIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO	22
2.1 O documento na Ciência da Informação	29
2.2. O Documento na Arquivologia	35
2.3 Conceito comparativo: Ciência da Informação e Arquivologia	39
3 DOCUMENTOS NÃO CONVENCIONAIS EM ARQUIVOS TELEVISIVOS	42
3.1 Diferentes conceitos para documentos não convencionais	44
3.1.1 Dimensões terminológicas dos Documentos não convencionais	49
3.1.2 Dimensões terminológicas do documento audiovisual	54
3.2 Movimento histórico do documento em suportes não convencionais	59
3.2.1 Preservação	65
3.2.2 Memória	67
METODOLOGIA	71
4.1 Rede Globo de Televisão	72
4.2 Procedimentos de coleta de dados	74
4.3 Instrumentos de coleta de dados	76
4.4 Procedimentos de análise de dados	77
5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	80
5.1 Materiais especiais	80
5.2 Materiais especiais da Rede Globo	80
5.2.1 Produção	80
5.2.2 Uso e acesso	82
5.2.3 Organização e identificação	84
5.2.4 Preservação e conservação	85
5.2.5 Memória	86

5.3 Documentos Audiovisuais	87
5.3.1 Produção	87
5.3.2 Uso e Acesso	91
5.3.3 Organização e Identificação	95
5.3.4 Preservação e conservação	96
5.3.5 Memória	97
CONSIDERAÇÕES	99
REFERÊNCIAS	103
ANEXOS	115
APÊNDICES	119

INTRODUÇÃO

Com a ampla produção de documentos de arquivo que ultrapassam o suporte em papel, discutiu-se a perspectiva de acervos com as mais variadas possibilidades de registros informacionais. Para Brito (2012), durante anos a Arquivologia esteve focada apenas na organização do documento estático em suporte papel com ênfase nos registros textuais. Porém, no século XXI, a ação de determinados arquivos – como os arquivos midiáticos – trazem uma compreensão da informação em variados suportes e com isso, conduzem discussões para (re)pensar os conceitos de informação e de documento antes impregnados como absolutos.

O conceito de documento que condiciona a informação em suporte papel sintetiza um pleno pensar de diversas áreas dos saberes. Na Ciência da Informação (CI), o conceito de documento é mais abrangente e tem como objeto de estudo a Informação. Para este campo, a literatura é vasta e denota a mudança de foco do suporte para o conteúdo de relevância social, histórica e informativa.

Em virtude de novos olhares para os documentos que ultrapassam o papel, os arquivos remodelam e reinterpretam a compreensão da informação em uma gama de suportes utilizados. O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (DBTA) compreende os arquivos não convencionais, como “arquivo especial”. Em sua concepção, é um documento não-textual, em suportes e dimensões diferenciados que exigem procedimentos específicos para a guarda e preservação, técnica e acesso. Neste contexto, discutiu-se os acervos diferenciados compostos por figurinos, objetos tridimensionais, móveis, medalhas e de objetos do uso cotidiano e os arquivos audiovisuais que compõem os acervos de uma emissora de televisão. Desse modo, os estudos específicos acerca dos registros em suportes diversos, podem suprir a escassa bibliografia que abrange os materiais ditos especiais como documentos de arquivo propiciando novas e amplas discussões na área da Arquivologia.

Os materiais ditos especiais são documentos cujo suporte apresentam variedades de formatos, formas e dimensões que podem ser custodiados por instituições diversas como Biblioteca, Arquivos, Centro de Documentação, Museu. Apesar do vasto uso de terminologias diferentes para os documentos não convencionais, aplicou-se a terminologia “materiais especiais” por compreender, através da busca em bases de dados, a conjuntura de documentos em emissora de televisão que fomenta tal termo.

Logo, interpreta-se a leitura crítica do Arquivo enquanto local e “guardião” de documentos tidos como velhos e propõe uma desconstrução de crenças simplificadoras para que os acervos possam ser entendidos como parte de um organismo funcional e vivo com o contexto situado. (SHELLENBERG 2002).

Dessa forma, a problemática da presente dissertação parte do uso dos materiais especiais enquanto documentos de arquivo para o processo criativo e funcional da instituição. Assim, procurou-se responder a seguinte questão: “Mediante ao vínculo vivo e funcional com a instituição, o patrimônio televisivo composto por um vasto acervo de documentos como os figurinos, as louças, os objetos tridimensionais e o audiovisual podem ser caracterizados como documentos de arquivo, contribuindo para o desenvolvimento de novos produtos criativos?”. Frente ao exposto, a investigação abordou outros questionamentos a serem levantados que condizem com a problemática principal da investigação, a saber: Quais são os processos informacionais relacionados com os documentos de arquivo em suportes diferenciados? Como os materiais especiais e o documento audiovisual auxiliam na compreensão histórica e cultural do contexto em que se insere devido a sua relação orgânica com a instituição?

Com isto, realizaram-se as seções descritas em seguida para melhor embasar a temática da pesquisa.

Na seção 2 discute-se o conceito de documento mediante a Ciência da Informação e da Arquivologia. Procurou-se embasar a terminologia de documento nas duas vertentes áreas bem como uma compreensão comparativa de uso terminológico em contextos diferenciados. Compreende-se

um impacto na comunidade Arquivística quando se discutem acervos compostos por documentos diferenciados do tradicional, proporcionando uma efetiva construção de bibliografia bem como na divulgação de um mercado emergente para os profissionais da informação que atuam com segmentos diferenciados do suporte papel.

Na seção 3 são explorados os acervos compostos por documentos em materiais especiais nos arquivos televisivos. Os documentos em suportes diferenciados ao papel são objetos culturais que revelam involuntariamente seu contexto social e demonstram valores peculiares em função das associações e inter-relações entre suas partes, potencializando sua conduta funcional na instituição. Ao pesquisar acervos de televisão, compreende-se um universo de possibilidades de estudos frente aos diversos tipos de acervos presentes na instituição.

Parte dos materiais especiais do Brasil estão disponibilizados em almoxarifado e em centros de memória público e/ou privado. Estes apresentam características que transcendem a natureza administrativa, agregando-se a ela um valor cultural e histórico. Para Homero (2006) os registros que comportam manifestações humanas em diferentes suportes, devem ser resguardadas pelos diferentes órgãos ou indivíduos e utilizadas com maior proteção patrimonial, evitando a mutilação ou destruição do valor cultural. Assim, o patrimônio televisivo é “composto por documentos provenientes da produção televisiva que expressam um conjunto de práticas, comportamentos, artes, políticas, etc. de uma determinada sociedade” (Ferraz, 2017, p. 21).

A pesquisa procurou contribuir para o campo da CI, a partir da leitura crítica do conceito de arquivo e propor a desconstrução de paradigmas tradicionais referentes aos documentos patrimônio televisivo. Assim, como parte da seção 3, elaborou-se subitens que agregam o uso terminológico dos documentos não convencionais e dos audiovisuais. Neste caso, são organizadas amplas ações culturais que viabilizam o uso de acervos criativos e que proporcionam visibilidade para a instituição. É o caso de exposições de objetos e de arquivos pessoais de personalidades e de acervos de programas de televisão que são cultivadas pela memória afetiva da sociedade.

Através de sentimentos significativo aos valores, crenças e a cultura, a televisão fornece produtos que permanecem na memória dos sujeitos constituindo-se em uma fonte de informação. Diante disso, agregou-se a preservação e a memória como subitem da seção 3 para embasar posteriores discussões na apresentação de dados. Buscou-se também, colaborar do ponto de vista conceitual, para novos entendimentos e usos dos materiais especiais para a constituição de um patrimônio empresarial. O documento enquanto processo vivo e funcional para a composição de novas narrativas, tende a ter possibilidades de usos diferenciados em distintas ações. Por isso, a atuação do acervo ampliou os paradigmas de arquivo mediante os diversos tipos de registros representativos caracterizados como documentação.

Na seção 4 são apresentadas as metodologias de pesquisa. Nesta perspectiva, a abordagem metodológica é qualitativa, do tipo descritiva e explicativa. As metodologias utilizadas foram de Pesquisa documental e Estudo de Caso.

O objetivo geral do estudo foi analisar o acervo documental de suporte não convencional existente em emissora de televisão. Procurou-se reconhecer a tipologia de acervos existentes a fim de entender o contributo destes para o desenvolvimento de produtos da emissora. Destaca-se a importância da funcionalidade dos documentos para a criação de produtos da emissora enquanto um aporte de crescimento institucional. Como objetivos específicos alcançou: Realizar um estudo teórico conceitual da noção de documentos de arquivos não convencionais no contexto da arquivologia; identificar os tipos de acervos de documentos não convencionais existentes em instituições televisivas; determinar os processos informacionais relacionados com os materiais especiais como: identificação, organização, descrição e preservação.

Para tanto, compreende-na como universo de pesquisa o Acervo da Rede Globo variados suportes não convencionais como: de louças, indumentárias, objetos tridimensionais e audiovisuais para fim de produção de novelas, séries, seriados, programas, jornais da emissora e para pesquisa em âmbito interno e externo. Desse modo, o patrimônio televisivo que contém os objetos especiais e os audiovisuais são caracterizados por seu valor de

singularidade no contexto de criação e de compromisso com a cultura e historicidade quando utilizados para fins de novas produções da TV e para fonte de pesquisa histórica. .

O ACERVO¹ Globo é conjunto de depósitos localizados nas cidades do Rio de Janeiro e em São Paulo contendo de textos, fotos e imagens produzidos para os programas de jornalismo, esporte e entretenimento, além de ser uma importante ferramenta de trabalho dos profissionais da emissora para consulta e novas produções². Parte dos documentos não convencionais encontram-se também no setor de Almoxarifado da Instituição. Podem ser encontrados os acervos de figurinos e de louças utilizados para as produções da mesma.

Assim, em um primeiro momento, foram investigados na literatura especializada nacional e internacional, temáticas referentes aos documentos não convencionais visto que são utilizadas em diferentes termos para contextos distintos, como: terminologia adequada, uso dos acervos para promoção da instituição e processos informacionais. Posteriormente, entrou-se em contato com os setores do ACERVO para o encaminhamento da proposta de pesquisa. Em seguida, houve as investigações de evidências através da pesquisa documental em relação ao uso dos objetos tridimensionais no patrimônio televisivo. Para os arquivos audiovisuais que compõem grande parte do acervo, contactou-se os colaboradores responsáveis por cada setor para o envio do questionário. Em seguida, realizou-se uma visita ao ACERVO Globo SP Utilizou-se da integração de dois métodos para a concretização da investigação, aplicou-se o estudo de caso no ACERVO Globo SP com a triangulação de: Entrevista semi-estruturada, observação direta e a pesquisa documental. Neste aspecto, a pesquisa documental possui um arcabouço bibliográfico de técnicas e métodos para apreensão, compreensão e análise de documentos de qualquer tipo. Para a unidade no Rio de Janeiro, ficou suspensa a visita com possibilidade para pesquisas futuras.

¹ ACERVO é o nome do centro de documentação da Rede Globo.

² Informação retirada no website do CEDOC. Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globocidadania/balanco-social-2011/noticia/2012/05/centro-de-documentacao-da-globo-cedoc-guarda-historia-brasileira.html> Acessado em 29 de Junho de 2016.

Logo em seguida, na seção 5, são expostas a análise de dados em duas vertentes: a pesquisa documental sobre os materiais especiais e o processo de uso dos documentos audiovisuais do ACERVO Globo SP. As documentações existentes no ACERVO da Rede Globo são fontes de documentos convencionais e não convencionais que tornam-se memória para os indivíduos externos por meio das produções fabricadas pela instituição. Por outro lado, o acervo de televisão baseado nos audiovisuais tendem a passar por uma transição de suporte físico para o digital, uma vez que a nova condição das mídias na internet favorece a durabilidade do conteúdo mediante o tratamento de acesso, preservação e difusão nos ambientes digitais. Desse modo, a informação registrada no documento é utilizada de forma orgânica e consciente para que fomente novos contextos de produção e de pesquisa. Ou melhor, os documentos audiovisuais encontrados no ACERVO Globo São Paulo (fitas, Umatic, disco, microfilmes) que contém os produtos (jornais, programas de televisão, séries, novelas) são (re)utilizados posterior a sua gravação original para compor a programação da emissora em diferentes épocas e contextos. Para o gerenciamento de informações são utilizados dois sistemas de banco de dados: O primeiro indexa as dados do documento para a rápida recuperação de informação. O segundo sistema informacional, disponibiliza o conteúdo solicitante para os sujeitos requisitantes (repórteres, editores, produtores, diretores). O departamento conta ainda com uma equipe multidisciplinar para as variadas etapas do processo que parte desde a solicitação de material à disponibilização do conteúdo requisitando.

A temática parte de um novo cenário para os arquivistas e para outros profissionais da informação como bibliotecários e museólogos, ampliam-se possibilidades de atuação e de fazeres criativos mediante a utilização desses acervos para exposições, conferências, construção de novos produtos e para a própria constituição da memória organizacional da instituição. Quando a emissora de televisão utiliza dos documentos participantes do patrimônio televisivo, surgem possibilidades para abranger o conhecimento individual e coletivo agregada àquela organização. No campo teórico, deve-se ainda, rescindir barreiras enquanto a proposta de uso e conceituação dos materiais

especiais em diversas teorias dentro da área da ciência da informação visto a aplicabilidade do termo em contextos diferenciados.

2 DOCUMENTO: O CONCEITO A PARTIR DA ARQUIVOLOGIA E DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Com as mudanças constantes em todos os setores econômicos, sociais tecnológicos e culturais do globo, as interpretações sobre uma mesma prática e conceitos não descartam o ponto de vista clássico e as formulações teóricas tradicionais. Assim, desafia-se uma análise de conceitos que integram o campo da Ciência da Informação (CI) e da Arquivologia para este trabalho. Trata-se de conhecer a conceituação de documento, da informação e do documento arquivístico com base em Rondinelli (2013) para percorrer um caminho teórico que a pesquisa traduz como um novo pensar para os conceitos.

É necessário contextualizar o registro informacional na Arquivologia e na Ciência da Informação, bem como o uso de determinações terminológicas moldadas perante o tempo. A diversidade de termos nas áreas tende a proporcionar propósitos diferenciados e/ou semelhantes na utilidade do conceito de documento de arquivo na literatura. Neste caso, a importância desse Seção se assume diante a identificação dos materiais especiais enquanto valor documental para a instituição e por esta razão, fez-se presente uma descrição do conceito em variados autores da área que contemplassem o histórico, o uso e as definições de documento e de informação.

Existem várias disciplinas que se utilizam da informação como objeto de estudo. Entretanto tais áreas contextualizam-na diferentemente no seu debate utilizando termos em distintas colocações. Diante de um objeto de estudo da ciência que é compartilhado por outras disciplinas, fez-se importante o debate sobre os propósitos diferentes e semelhantes de um único termo empregado em distintas áreas.

Entender as ciências é conhecer suas práticas, atitudes e seus conceitos, que evoluem conforme um conjunto de paradigmas. É, através dos paradigmas que as ciências fomentam leis, pressupostos e explicações para com as tradições. Segundo Kuhn (1991, p. 13) “paradigmas são as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem

problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” .

Com declínio do positivismo e do essencialismo, Yeo (2007) destaca que houve um crescimento de dúvidas na comunidade científica sobre definições conceituais tidas como absolutas. Nas investigações de Kuhn (1991), as ciências são desenvolvidas conforme as revoluções dos paradigmas. As transformações de paradigmas são revoluções científicas que são determinadas pelo costume social, pelo contexto de seu emprego ou por culturas específicas. Mas que também não dependem de pressupostos externos para sua (re)evolução. Neste caso, poderá haver concepções paralelas de um mesmo fenômeno.

Isso significa que a ciência não é um empreendimento unificado e monolítico, mas que, estuda determinado objeto por diferentes ângulos, sem que haja um consenso por parte da comunidade científica. No contexto da Ciência da Informação este dado poderia configurar-se diante das disciplinas multidisciplinares por emprestar saberes e fazeres de uma ou mais especialidades do conhecimento sem que as áreas sejam modificadas efetivamente.

Para Saracevic (1996) a Ciência da Informação atua no campo interdisciplinar. Segundo seus pensamentos, os problemas básicos de compreensão da informação e da comunicação, bem como o comportamento humano e os ajustes tecnológicos, envolvem “problemas complexos [que] demandam enfoque interdisciplinares e soluções multidisciplinares” (SARACEVIC, 1996 p. 48).

Nesta perspectiva, a abordagem de uma ciência que dialoga mediante troca de conhecimentos e de métodos com outras áreas dos saberes, interage com o pensamento de Kuhn (1991) e Yeo (2007) sobre o uso de definições e conceitos que não podem ficar restringidos conforme a disciplinaridade, mas que devem ser caracterizados conforme sua comunidade de ação. Ao mesmo tempo, as tentativas de reprodução de definições continuam.

Os documentos de exame regularmente solicitam aos estudantes que definem um conceito os padrões nacionais e internacionais oferecem definições aparentemente autoritativa

dos termos que empregam. No campo da documentação, os órgãos profissionais, registros governamentais, serviços e projetos de pesquisas também publicam glossários que oferecem definições de relevância para a disciplina (YEO, 2007, p. 317).

Yeo (2007) evidencia que há uma discussão na Arquivologia entre os estudantes, os profissionais e os autores da área, sobre uma concepção filosófica da área moldada por conflitos teóricos e as práticas conceituais. A formação educacional de cada indivíduo para o uso de definições determinada é moldada por épocas culturais diferentes e compreendidas pela comunidade profissional como legítima. Por essa razão, é positiva a coexistência conceitual em uma mesma área do saber.

Para a definição de conceito na área de linguagem documental, Campos (2001) baseia-se na construção mental acerca de um objeto para tornar o levantamento de termos como significado em uma área do saber. Que o denomina como

Uma unidade de pensamento constituída de características que refletem as propriedades significativas atribuídas a um objeto, ou a uma classe de objetos. Sua finalidade é permitir a ordenação mental e a comunicação através do símbolo linguístico que é o termo (CAMPOS, 2001, p.71).

Ressalta-se ainda que,

O termo guarda uma relação muito própria com a área de especialidade na qual está inserido, pois ele representa, em sua forma escrita/oral, o conhecimento apreendido de uma realidade concreta ou abstrata pelos membros da área de especialidade. De fato, esta relação se dá via conceitos, e não entre palavras, por causa da relação direta com o termo, isto é, um conceito é representado por um termo e este termo é usado para designar aquele conceito (CAMPOS, 2001 p.118).

De modo semelhante acontece na Ciência da Informação que têm como objeto a Informação. Apesar de revistos os pressupostos da área conforme diversas mudanças sociológicas e históricas, o objeto da CI tem como escopo três paradigmas epistemológicos. Capurro (2003) os fragmenta em: paradigma físico, paradigma cognitivo e o paradigma social.

O paradigma físico para Capurro (2003) está intimamente ligado assim chamada *Information Theory* de Shannon e Weaver (1949/1972)³. A informação neste caso é justamente a quantidade possível de seleção por parte do receptor.

O paradigma cognitivo implica no teor mental dos sujeitos quanto às apropriações da informação. Para Capurro (2003) a informação é registrada em suportes físicos de conhecimento. Mediante as ideias de Otlet e Lafontaine (1895), são distintos o teor do conhecimento e do registro de informação. Dessa maneira, a informação consiste no processamento cognitivo através de um sistema de categorias adequadas ao mundo do sujeito. Ou seja, baseado na interpretação e no comportamento do sujeito cognoscente no contexto inserido (ALMEIDA et al; 2007).

O paradigma social, ao contrário do paradigma anterior, considera o contexto do sujeito como característica para a recuperação da informação. Capurro (2003) salienta as perspectivas ou pontos de acessos distintos baseados nos contextos dos usuários. A informação seria entendida, assim, como fenómeno social constituída de estruturas de conhecimento e de padrões de instituições.

Nesta perspectiva, a informação é vista por pontos referenciais distintos de acordo com o enfoque dos estudos e das disciplinas. Salienta-se o teor reflexivo do conceito de informação para a CI e o uso da informação em outros contextos e em outras ciências.

Para os documentos não convencionais, a informação é representada por duas vertentes: pelo seu suporte e pelo ato de registro (o conteúdo). Para o audiovisual a informação é polissêmica, ou seja, é presente um jogo de significado conforme a assimilação no contexto do indivíduo. Para melhor representar os documentos em materiais especiais, é preciso esclarecer a posse dos conceitos de documento e de informação a partir da Arquivologia.

Após a breve descrição acerca da construção de um conceito e seu uso em diferentes áreas do saber que não limitam as disciplinas, mas que, provém

³ Modelo clássico de comunicação que contém os seguintes elementos: Emissor, fonte de informação, sinal, transmissor, mensagem, fonte de ruído, receptor.

de possibilidades de busca para novos olhares sobre um mesmo objeto, cabe ressaltar neste momento a terminologia “documento” para que posteriormente possa ser contextualizada na Arquivologia e na Ciência da Informação.

Diante de toda existência humana, vêm sendo registrados os afazeres cotidianos em diferentes formas, em variados suportes e num processo dinâmico de comunicação para que toda a sociedade funcione de forma organizada e alcance memórias a longo prazo. Nas reflexões de Delmas (2010, p.19) “quanto mais a sociedade se desenvolve, mais as atividades humanas são numerosas, diversificadas e interdependentes”. Desse modo, o volume de documentos aumenta para que os indivíduos se assegurem de seus atos e estabeleçam relações ao longo de gerações.

O desenvolvimento do uso de documentos foi seguindo o constante alargamento do espaço de vida dos homens e da sua integração crescente nesse ambiente no decorrer dos séculos: família, comunidades em aldeias ou paróquias, latifúndios, cidades e bairros, profissões, empresas, províncias e regiões, países e Estados, organizações internacionais e supranacionais... o acúmulo de relações cada vez mais densas e amplas aumenta de forma exponencial as necessidades e os usos de documentos precisos para agir, negociar e viver (DELMAS , 2010, p.19-20).

Compreender que as exigências sociais de técnicas de tratamento e comunicação são baseadas nas transformações de necessidades de épocas é entender que cada ferramenta constitui-se de um progresso de registro.

Yeo (2007) classifica o registro como evidência de ação relacionada com o presente e não com o passado. “Sons e sombras podem evidenciar que alguém está aproximando; os cliques em um contador mostram a presença de passar do tempo” (YEO, 2007, p.320). Entretanto, leituras em termômetros e medidores de combustível são evidências e não registros. Para Buckland (1991) a evidência implica passividade, pois os seres humanos fazem coisas com a informação ou para a informação.

Yeo (2007, p.323) denomina que os registros são tipos de evidências, pois “significam uma relação entre dois fatos, o *factum probandum* ou

proposição para provar, e o *factum probans*, ou material que evidencia a proposição”.

Nesta concepção, é reconhecido que as evidências e as informações estão entre os bens que os registros fornecem. Esta visão está implícito as reflexões de Schellenberg (2006) que as relacionam como valores associadas aos registros em: primário e secundário.

Primariamente, os valores são referentes à própria entidade que o origina enquanto que, no secundário pode ser classificado como valor informativos. Os probatórios, apesar de valor primário, dependem da importância da matéria provada, “isto é, da origem e dos programas substantivos, ou fim, da entidade que produziu os documentos” (Schellenberg, 2006, p. 182). Os valores inerentes aos valores informativos relacionam-se, nas palavras do autor, com as “pessoas, coisas ou fenômenos” (Schellenberg, 2006, p.182).

Na visão de Yeo (2007), estas conexões simbólicas podem incluir à memória, responsabilidade, legitimação de poder, identidade e comunicação de artefatos para todo o espaço e o tempo que são interdependentes. Um diálogo que evidencia e transcendem a mente humana.

O registro pode assumir um formato diferente do tradicional (textos, livros, fotografias, discos). Entretanto, torna-se problemático definir o que vem a ser um documento. Com a tecnologia, os documentos são operados como dígitos binários para serem executados. Ainda há as bases de dados e os hipertextos. “Ou seja, documentos aparentemente ilimitados” (Rondinelli, 2013, p. 25). Nesta perspectiva, os registros são a própria atividade e não objeto secundário à realização da mesma.

Com a vasta gama de registros peculiares em épocas que sofrem transformações diversas é necessário um olhar apurado sobre a base conceitual de documento.

Cook (2012) ressalta a mudança paradigmática dos documentos em uma realocação do seu afazer, principalmente na organização em redes de fluxo horizontal na funcionalidade de trabalhos ativos. Desse modo,

O discurso arquivístico teórico é a mudança do produto para o processo, da estrutura para a função, dos arquivos para o arquivamento, do documento para o seu contexto; do resíduo “natural” ou subproduto passivo da atividade administrativa para a conscientemente construída e ativamente mediada “arquivização” da memória social (COOK, 2012, p. 125).

Na concepção Filológica de Arroyo e Fernández (1982), que corresponde a aspectos semânticos e etimológico da palavra, o documento é caracteriza precedente do latim *documentum* que significa doutrina do ensinamento, instrução e testemunho escrito.

O conceito de documento é marcado por diversas interpretações de autores baseados nos contextos temporais de cada época. A documentação, campo do conhecimento criado no final do século XIX por Paul Otlet e Henri La Fontaine, contribuiu primariamente para a consolidação do conceito de documento que visa

Documento é o livro, a revista, o jornal, é a peça de arquivo, a estampa, a fotografia, a medalha, a música, é também atualmente o filme, o disco e toda a parte documental que prece ou sucede a emissão radiofônica. Ao lado dos textos e imagens há objetos documentais por si mesmos (Realia) (OTLET, 1937).

Em suma, partiu-se de superar a dimensão tradicional do estudo do suporte e ir em direção a informação contida no documento. Na perspectiva de Rondinelli (2013) é necessário o estudo da entidade do documento no campo da Arquivologia a da CI. O objetivo dessa repartição é obter resultados semelhantes e/ou diferentes no entendimento do termo.

2.1 O documento na Ciência da Informação

Rondinelli (2013, p.30) expõem que a inscrição do termo documento se dá mediante “uma base a qual constitui sinal, indicação, testemunho, prova ou mesmo ensino”. Isso porque, Otlet (1934) baseou-se em quatro radicais empregados na palavra documento (dois gregos e dois latinos)⁴ para expansionar a terminologia a materiais, obras impressas, objetos e “substitutos

⁴ 1. *Biblion*, 2 *Grapho* (gramata gramme), 3 *liber*, 4 *documentum* (Otlet, 1934, p.12 apud Rondinelli, 2013, p.30).

de livros⁵”. O *Traité de Documentation*, publicado por Paul Otlet (1934) considera que a Documentação atua no registro do pensamento humano em suportes materiais que constam signos representativos de certos dados intelectuais (OTLET, 1934 apud ORTEGA et. al. 2013).

Para Briet (1951) o conceito de documento parte de uma perspectiva semiótica, fenomenológica, ao incluir os objetos colecionáveis em museus e animais vivos catalogados em zoológicos, afirmando que o objeto se transforma em documento quando tratado como tal. Neste aspecto, a noção de documento não se restringe aos documentos textuais e sim, por atribuições de um significado por parte do usuário e de seu contexto.

Chagas (1994), baseado na área da museologia, mas que, contempla um olhar relacional entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, compreende o documento em função representacional.

Um documento se constitui no momento em que sobre ele lançamos o nosso olhar interrogativo; no momento em que perguntamos o nome do objeto, de que matéria prima é constituído, quando e onde foi feito, qual o seu autor, de que tema trata, qual a sua função, em que contexto social, político, econômico e cultural foi produzido e utilizado, que relação manteve com determinados atores e conjunturas históricas etc (CHAGAS, 1994, p.35)

A abordagem do documento em solo francês foi disseminada e empregada por seus discípulos, sendo considerada a história da Documentação até metade do século XX. Segundo Ortega et. al.(2013), a definição de documento como objeto informacional visível e palpável se dá mediante a sincronia do tempo em relação a estabilidade. A proposta fica mais clara com Escarpit (1991) que reflete sobre os eventos e as novas produções informacionais que produzem documentos e, portanto, é um meio de constituição de um saber disponível para uma leitura independente do tempo.

Rondinelli (2013) destaca algumas indagações a respeito dos documentos abstratos que são representados por meio de registros concretos

⁵ Segundo Otlet (1934), os substitutos dos livros seriam os filmes, discos, obras de arte, ente outros.

ou simbólicos, conservados e com a finalidade de representar uma ocorrência física e/ou intelectual. Desse modo, Briet (1951) expõe que

Uma estrela é um documento? Um seixo levado por uma torrente é um documento? Um animal vivo é um documento? Não. Mas são documentos as fotografias e os catálogos das estrelas, as pedras de um museu de mineralogia, os animais catalogados e expostos num zoológico (BRIET, 1951, p.7 – Traduzida por Rondinelli).⁶

Neste contexto, Ortega et. al. (2013) expressam que um objeto pode se tornar documento mediante o desejo de informação impregnado nele. “O documento não é um dado, mas o produto de uma vontade, aquela de informar ou de se informar, a segunda sendo sempre necessária, já que o desejo de fornecer informação pode não ter resposta do destinatário” (ORTEGA et. al., 2013, p. 4). Assim, o conceito de documento é levado para além do entendimento tradicional escrito, mensagem também tratada por Meyriat (1981) que considera a escrita um meio privilegiado de comunicação, mas que, contudo, não são os únicos objetos que têm por função transmitir a informação.

Buckland (1991), em uma comparação entre Otlet (1934) e Briet (1951), entende que há uma ênfase de comunicação disposta em qualquer sinal de registro pelo homem. E que, os objetos informativos como pessoas, produtos, eventos e objetos de museus não devem ser excluídos por serem potencialmente informativos. Frente à indagação “o que é informativo?”, Buckland (1991) reflete sob uma abordagem de perguntar às pessoas o que elas identificam como coisas a partir das quais elas podem tornar-se informadas.

Apesar da dificuldade de conceituação e de ambiguidade do termo informação, criou-se a tabela 1 com a conjuntura das três principais ideias sobre os usos da informação: *Informação como processo; informação como conhecimento e informação como coisa.*

⁶ Une étoile est-elle un document ? Un galet roulé par un torrent est-il un document ? Un animal vivant est-il un document ? Non. Mais sont des documents les photographies et les catalogues d'étoiles, les pierres d'un musée de minéralogie, les animaux catalogués et exposés dans un Zoo (BRIET, 1951, p.7).

Quadro 1 Conjuntura do uso da informação

Informação como processo (intangível)	Informação como conhecimento (intangível)	Informação como coisa (tangível)
Ato de informar que modifica o estado de conhecimento do indivíduo	Conhecimento já comunicado e percebido na “informação como processo”. Neste caso, é assimilado com o repertório do indivíduo que pode reduzir ou aumentar incertezas.	Informação atribuída para objetos, como os documentos. Isto é, pela capacidade de informar, tendo qualidade de conhecimento e algo informativo.

Fonte: Adaptado de Buckland (1991).

Buckland (1991) baseia-se na noção de informação como evidência para identificar o documento. Segundo sua abordagem, a informação-como-coisa é caracterizada pelo caráter físico e evidencial como textos, livros, eventos, pessoas, edifícios que tem tributo de informação. “Quanto saberíamos sobre dinossauros se nenhum fóssil tivesse sido encontrado” (BUCKLAND, 1991, p.7). Neste aspecto, é compreensível a noção abrangente de documento que o autor julga.

Se um mapa é um documento, porque um mapa tridimensional também não seria um documento. Porque um globo também não poderia ser considerado um documento já que é, acima de tudo, a descrição física de alguma coisa. Modelos antigos de locomotivas foram feitos com propósitos informacionais, não recreacionais. Se um globo, um modelo da terra, é um documento, porque não considerar também um modelo de locomotiva ou um navio como um documento? (Buckland, 1991, p.6).

O significado de documento esteve restrito aos documentalistas como fonte de informação física limitada ao papel. “O termo documento (ou “entidade documentária”) foi usado tanto com o sentido especializado quanto de termo genérico para denotar coisas informativas” (BUCKLAND, 1991, p.7). Assim, outros registros em suportes informativos como os objetos, não deveriam ser

considerados como documentos. Acontece que eles se transformam em documento pela evidência e pelo valor informativo. “Seus valores como informação ou evidência derivam daquilo que eles significam individualmente, ou talvez, sobre a classe ou classes às quais pertencem” (BUCKLAND, 1991 p.8).

Neste caso, a informação tende a ser circunstancial, dependendo da composição de julgamentos subjetivos e individuais. Na figura 1 pode-se perceber a caracterização do objeto como um “algo informativo”, uma vez que entende-se a abordagem do autor sobre a informação-como-coisa.

Figura 1 Informação como processo circunstancial



Fonte: Adaptado de Rendón Rojas (2005).

Qualquer objeto, dado ou evento pode ser considerado informativo se corresponderem às indagações como: O registro é pertinente? É uma evidência? O uso da mesma é importante? É justificável a preservação desta evidência? A característica essencial para ser algo esclarecedor, dependerá da capacidade de combinação de circunstâncias e de situações na qual o objeto se insere. Se encarado positivamente as indagações feitas por Buckland (1991), então alguém relaciona a “informação como coisa” como utilizável e assim, como documento que contém informação.

Camargo (1994, p.37) salienta que

O arquivo tende a parecer-se com uma oficina de tratamento em que a informação de saída é distinta da de entrada, em que a informação fixa (que permanece constante para possibilitar a identificação dos documentos) convive com a informação variável (que assume diferentes valores ao longo de seu processamento).

A materialização do pensamento humano em qualquer suporte vem de encontro com as reflexões de Rendón Rojas (2005) e Frohman (2004), uma vez que os objetos devam ser criados intencionalmente para informarem ou que o profissional da informação o considerem pertinentes ao acervo e o integre dentro de um contexto adequado.

Baseado em uma analogia com a obra de René Magritte (1929) denominada “Isto não é um cachimbo”, deve-se entender o documento como uma representação da informação. A obra de arte expõe uma leitura de René às palavras e seus significados para que sejam desconstruí-las em seguida. Assim, o objeto de pensamento e a sua representação ilustrativa tem um largo espaço, pois exige interpretação e reflexão. O documento quando desprendido do acervo e sem contexto, acaba por uma explicação que é ele mesmo. Mas quando contextualizado o faz parte de um todo como mostrado na figura 2 que expõem uma síntese do pensamento de Rendón Rojas (2005).

Figura 2 Relação objeto/documento em três níveis



Fonte: Adaptado de Rendón Rojas (2005).

É exposto na figura 2 que o primeiro nível refere-se ao objeto em si (por exemplo, uma pistola, um livro, uma carta ou outro); no segundo nível, o mesmo objeto perante o contexto que está inserido e portanto, torna-se uma evidência (por exemplo, uma criminalista vê na pistola a evidência de um crime); e no terceiro nível estaria o documento, na qual ao ser construído por

seu autor, passa ao profissional da informação que irá armazená-lo em um sistema correspondente (por exemplo, um sistema sobre armas/crimes).

Desse modo, a abordagem do conceito de documento na Ciência da Informação não se restringe apenas ao caráter textual. Por essa análise, o contexto estabelecido na área parte de uma pragmática que integra o objetivo do sujeito em função do objeto com caráter potencial de informação, ampliando para objetos, documentos arquivísticos, bibliográficos e museólogos.

2.2. O Documento na Arquivologia

A Arquivologia, enquanto prática e metodologia num mundo Pós-moderno, desafia o pensar e a maneira de trabalho dos arquivistas e na produção de documentos.

Para Heredia Herrera (1991, p.121-122) o conceito de documento é parecido no contexto da Ciência da Informação, “Documento em um sentido muito amplo e genérico, é todo registro de informação independente de seu suporte físico”. E prossegue afirmando que “documento é o testemunho da atividade do homem fixado em um suporte perdurável que contém informação”.

Contudo, Herrera (1991) limita-se a separar o documento arquivístico das outras definições de documento genérico. Para Paes (2006) esta diferenciação consiste na origem e na coleta de ambos os documentos. Contudo, acrescenta que o documento consiste em “[...] registro de uma informação independente da natureza do suporte que a contém” (PAES, 2006, p.26). Na abordagem de Schellenberg (2002, p.180) “os documentos nascem do cumprimento dos objetivos para os quais um órgão foi criado – administrativo, fiscais, legais e executivos. Esses usos são, é lógico, de primeira importância”.

Schellenberg (2002) amplia seu conceito para a Arquivologia acrescentando também, outros tipos de arquivos e documentos igualmente no campo da CI. Isto é “Todos os livros, papéis, mapas, fotografias ou outras Gêneros documentárias, independentemente de sua apresentação física ou características” (SCHELLENBERG, 2002, p. 41).

Ao questionar mudanças comportamentais em relação à inserção de tecnologias, de direitos à informação e de proteção à autenticidade, Duranti (1994) ressalta que é necessário repensar conceitos e pressupostos concernentes aos arquivos.

Os materiais arquivísticos, ou registros documentais, representam um tipo de conhecimento único: gerados ou recebidos no curso das atividades pessoais ou institucionais, como seus instrumentos e subprodutos, os registros documentais são as provas primordiais para as suposições ou conclusões relativas a essas atividades e às situações que elas contribuíram para criar, eliminar, manter ou modificar. A partir destas provas, as intenções, ações, transações e fatos podem ser comparados, analisados e avaliados, e seu sentido histórico pode ser estabelecido (DURANTI, 1994, p.50).

Em outro momento, Martín-Pozuelo Campillos (1996) define o documento a partir de duas características fundamentais: a acumulação de informação e a possibilidade de poder oferecer um dado momento. Assim como nas reflexões de Heredia Herrera (1991) é exposta a extensão teórica do documento em outras disciplinas, que se manifestam no decorrer do tempo e da diversidade de significados para um mesmo termo. Os termos e conceitos são caracterizados conforme a função dos documentos em cada instituição. “Tudo que se apresentará em termos de gêneros documentais, suportes e objetos (materiais) podem ser encontrado em arquivos, bibliotecas, museus, centros de documentação e memória, não sendo privilégio de um ou de outro” (MANINI, 2014 p.198).

Schellenberg (2002) traz em sua obra um paralelo entre os arquivos e as bibliotecas, que se distinguem com meios e finalidades diferentes apesar de tratarem questões relacionadas aos documentos. Para Tanus, Renault e Araújo (2013, p.162) a “distinção e relação se fazem segundo gênero; origem; aquisição e custódia; métodos de avaliação; métodos de classificação e método descritivo dos documentos”.

Tanus, Renault e Araújo (2013) salientam que os conceitos do documento em áreas distintas possibilitam um diálogo entre a Arquivologia,

Biblioteconomia e a Museologia, mas que são limitadas conforme a interpretação de cada autor da área.

Martín-Pozuelo Campillos (1996) leva em consideração outras áreas do conhecimento que adquire o documento como insumo fundamental para seus estudos. São elas: Direito, Diplomática e a História. Obtêm-se formas materiais diferentes de registro da informação para cada disciplina que as compõem, mas que as áreas podem unificar-se se o objeto de estudo estiver centrado no registro de conhecimento do homem.

Assim, a partir do entendimento de documento nas áreas afins, é necessário levar em conta o dicionário terminológico na Arquivologia uma vez que é amplamente consultado por profissionais da área como norteador para o cumprimento de funções.

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (Arquivo Nacional, 2005) define documento como: “unidade de registro de informações qualquer que seja o suporte ou formato” (p. 73). Tal definição é compartilhada também pelo Dicionário de Terminologia Arquivística do Conselho Internacional de Arquivos(CIA).⁷ O Dicionário de Terminologia Arquivística da CIA expõem uma citação do projeto InterPARES⁸ que diz “Documento elaborado ou recebido, no curso de uma atividade prática, como instrumento ou resultado de tal atividade, e retido para ação ou referência” (CIA, 2015).

Já o conceito de documento de arquivo, ou documento arquivístico refere-se, segundo Bellotto (2014) aquele “[...] oriundo da atividade funcional ou intelectual de instituições ou de pessoas, produzidos no decurso de suas funções” (BELLOTTO, 2014, p. 39). No Brasil, nos termos na Lei 8.159/1991 o conceito de documento de arquivo refere-se ao

[...] conjuntos de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos, instituições de caráter público e entidades privadas, em decorrência do exercício de atividades específicas, bem como por pessoa física, qualquer que seja o

⁷ Link do glossário CIA disponível em <<http://www.ciscra.org/mat/mat/term/1209>> Acesso em 26 Fev 2018.

⁸ Pesquisa Internacional sobre Registros Autênticos Permanentes em Sistemas Eletrônicos (InterPARES) desenvolvida pela Prof^a Dra. Luciana Duranti.

suporte da informação ou a natureza dos documentos. (BRASIL, 1991, [s/p]).

Tal definição é enunciada quase nos mesmos termos nas legislações de outros países, como a França, por exemplo. Contudo, Rondinelli (2013) esclarece que os termos “documento de arquivo” e “documento arquivístico” não são sinônimos, mas são dotados de olhares diferenciados perante um mesmo objeto da Arquivologia. Segundo a Norma Geral de Descrição Arquivística (ISAD (G)) o documento de arquivo refere-se a “Informação registrada, independentemente de forma ou suporte, produzida ou recebida e mantida por uma instituição ou pessoa no decurso de suas atividades públicas ou privadas” (ISAD (G), 2000, p. 15). A mesma norma registra em seu glossário a definição de documento, na qual é “Informação registrada, independentemente de suporte ou características” (ISAD (G), 2000 p. 15). O “documento de arquivo é comum no cenário arquivístico dos países de língua latina, entre os quais o Brasil” (RONDINELLI, 2013, p.144).

O termo documento de arquivo teria uma conotação de lugar. Rondinelli (2013) continua sua argumentação que “o documento está no arquivo. E por que? Porque ali foi colocado”. Ocorre que, ao se acrescentar o adjetivo “arquivístico” na identificação do documento o mesmo corresponderia a uma entidade arquivística, ou seja, “produzida ou recebida no decorrer das atividades de uma pessoa física ou jurídica” (RONDINELLI, 2013, p.144). Cabe registrar que ambos os termos são corretos e não justificam uma sobreposição de termos.

Outro fato de esclarecimento que deve ser contextualizado nesta pesquisa, refere-se ao uso de Arquivo e arquivo. Delmas (2010) contextualiza que o documento acrescentado aos Arquivos (com “A” maiúsculo) é decorrente às instituições que as custodiam. Herrera (2007) expõem que na maioria dos textos disseminados, é induzida a confusão entre Arquivo – “instituição que precisa de uma disposição legal para sua criação e funcionamento” (HERRERA, 2007, p.21) - e arquivo (com “a” minúsculo) enquanto fundo documental existente na instituição.

Neste aspecto, “não é qualquer documento que pode ser qualificado como de arquivo. [...] O documento de arquivo [...] possui três qualidades: ele é necessário, pessoal e preservado” (DELMAS, 2010, p.56).

A ISO 15489-1:2016 - norma técnica de gestão - dispõem o documento como um registro de informação que deve ser “[...] Criado, recebido e mantido como evidência e como um ativo para a organização ou pessoa, no exercício das obrigações legais ou em transações de negócios” (ISO 15489 -1:2016).

Observa-se que o documento é produzido para viabilizar determinada ação e que cumpre uma função que sucede ou antecede a atividade de um organismo ou de um indivíduo. Com a contemporaneidade, vem se exigindo mais normatizações que possam suprir uma uniformização de dados em todo o mundo. A ISO traz em seu documento oficial a criação e a manutenção de uma gestão documental para diversos formatos de documentos.

Assim, o estudo conceitual do documento na Ciência da informação e do olhar da Arquivologia, merecem ser exploradas uma vez que, conduzem a uma convergência de ideias bem como trazem singularidades para cada área perante a concepção do documento e todo o contexto em que se insere.

2.3 Conceito comparativo: Ciência da Informação e Arquivologia

Perante o conceito de documento sendo informação registrada em qualquer suporte físico, percebeu-se variações e convergências que trazem uma reflexão sobre o entendimento do objeto a partir de duas leituras.

Baseado no campo da Documentação, Otlet (1934) expõem o conceito de documento ultrapassando os moldes convencionais de registros textuais. A ideia da Documentação enquanto campo científico ser o precursor da CI é exposta por Tanus, Renault e Araújo (2013) como ideias fundamentais que seriam, décadas depois, retomadas por teóricos da área.

Buckland (1991) inclui os objetos como registro de informação que se fundamentam como documento perante a sua visão tangível de informação-como-coisa. Esta característica segue uma mesma linha de raciocínio de Otlet (1934), que se difere do precursor do campo da

Documentação e agrega uma nova realidade para com os documentos à partir do contexto e das necessidades dos indivíduos para com o documento.

É o caso de Meyrant (1981) e Chagas (2009) que traduzem o documento perante as novas produções que exigem ser evidenciadas para serem considerados como tal. Escarpit (1991) e Ortega e Lara (2013) seguem esta mesma concepção de que o documento é o produto de uma vontade mediante uma leitura constituída de um saber independente do tempo.

Em suma, realizou-se a Tabela 2 para melhor explanação do compartilhamento do conceito de documento nas duas vertentes: a Ciência da Informação e a Arquivologia.

Quadro 2 - Dimensão comparativa do documento na Ciência da Informação e Arquivologia

	Ciência da Informação	Arquivologia
Dimensão de documento	Documento como evidências simbólicas e concretas mediante o carácter informativo impregnado no registro. Amplamente vinculada com o contexto de produção e a representação da informação em qualquer suporte físico.	Documento que se difere de outras definições por conter carácter probatório. A partir destas provas, é estabelecido o teor histórico, cultural e administrativo do registro.
Representação da informação	Não se restringe ao suporte físico e sim o potencial informativo	Estabelece técnicas e aporte teóricos para o tratamento e a gestão da informação em qualquer suporte físico.
Tendências	Ações de uso, apropriação e atribuição da informação pelos indivíduos e grupos.	Critérios arquivísticos, políticas de acesso, transparência e construções sociais

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

A tabela 2 foi dividida em três partes para melhor discussão do conceito de documento nas áreas afins. No que diz respeito à dimensão do documento foram abordados a função do registro entre as áreas. Neste contexto, o

pensamento tecnicista produzido no âmbito da arquivologia vem se modificando com os novos cenários de produção e uso do documento. A CI, por sua vez, oferece subsídios para a constituição disciplinar indo além dos manuais de “como fazer” (ARAÚJO, 2014).

Constata-se que o documento quando representado na Arquivologia, tem a forte influência à fisicalidade ou aos suportes do documento. Parte dos conceitos apresentados, a palavra suporte é mencionada. Em contrapartida, Martín-Pozuelo Campillos (1996) ressalta a informação como insumo fundamental que possibilita a evidência registrada. Desta forma, como ponto de convergência entre os conceitos nas duas áreas mediante a representação da informação está o registro e a comunicação da informação que testemunham ações e processos em determinado âmbito.

Para as tendências, ambas as áreas buscam construir conhecimentos baseados na construção social e na interação entre os usuários e os arquivos. No campo da Arquivologia, buscam-se estudos que possam melhorar o fluxo e a apropriação do sujeito com o documento e a informação. A materialidade também evidencia uma concordância teórica em função dos variados suportes que emita a informação para o receptor.

Assim, quando se estende o conceito de documento para além dos registros textuais, integra-se o contexto e as leituras individuais a fim de que o sujeito componha uma relação com o objeto informacional para ser conduzido a documento.

3 DOCUMENTOS NÃO CONVENCIONAIS EM ARQUIVOS TELEVISIVOS

Com a vasta produção de documentos que ultrapassam o suporte papel, tem-se discutido conceitos que poderiam compreender o contexto da informação premente em variados suportes independente de seu formato e forma. A contribuição em (re)pensar conceitos distintos para acervos em suportes diferenciados, poderiam auxiliar na compreensão de que existem informações dispostas em objetos que ultrapassam o formato papel.

Com isso, ressalta-se a necessidade de um auxílio terminológico que explore os diferentes suportes e formatos documentais existentes no patrimônio televisivo visto que existem termos conflitantes em debates e em textos de especialistas da área acerca dos documentos que se encontram em suportes diferentes do papel.

O patrimônio documental televisivo fornece recursos ativos para apoiar a produção de programas e atividades concernentes às pesquisas. Incluem-se registros textuais, iconográficos, audiovisuais e possibilidades de objetos. Os documentos gerados pela instituição de televisão são, na verdade, o patrimônio e o aporte da existência da mesma. Para Busetto (2014) além da reutilização das imagens e outros documentos de caráter de arquivo, os centros de documentação das próprias emissoras normalmente dispõem de um atendimento de necessidades da organização de produção e de interesses comerciais.

Embora escassa, a bibliografia sobre os documentos em suportes diferenciados na Arquivologia, notadamente, em instituições de informação como as Bibliotecas e os Museus reflete sobre o processo classificatório de objetos em seus acervos. Em contrapartida, os documentos audiovisuais tendem a ter mais arcabouço teórico e técnico para o tratamento no centro de documentação.

Vieira (2014) trabalha em uma contextualização sobre a linguagem utilizada para uma determinada informação registrada em um suporte apenas

audiovisual, iconográfico ou sonoro. Entretanto, considera-se na literatura, uma ampla denominação de termos referentes á arquivos em suportes diferenciados exposta pelo mesmo autor no quadro 4.

Quadro 3 Relação de termos vs. autores para documentos especiais

Termos	Autor (res)
Arquivo(s) especial(is)	ENBA (1980)
Documento(s) especial(s)	Paes (1986); Molina Nortes e Leyva Palma (1996); Damiam Cervantes (1998); Arévalo Jórdan (2003); Arquivo Nacional (2005); Pearce-Moses (2005); Lacerda (2008).
Documentação Especial	Brandão e Leme (1986); Camargo e Bellotto (2010)
Documento(s) audiovisual(is)	González García (1992); Cseve e Hungria (1992)
Documento(s) não-textual(is)	Rousseau e Couture (1998)
Material(is) especial(is)	Schellenberg (1974)
Novos suportes	González García (1992)
Novos documentos	Vaganov (1990)
Suporte(s) especial(is)	Cseve e Hungria (1992)
Suporte(s) audiovisual(is)	Cseve e Hungria (1992)
Suporte(s) não-convencional(is)	Camargo (1990)

Fonte: Vieira (2014 p. 69-70).

Com isso, é relacionado o centro de memória e documentação com as possibilidades de trabalho dos documentos em suportes diferenciados bem como a função e os tipos de registros documentais encontrados na instituição. Posteriormente, subdividiu-se o Seção em dois subitens: Dimensão terminológica dos Materiais Especiais e a Dimensão terminológica do documento audiovisual. Dessa forma, serão exploradas os termos utilizados na literatura da área em contextos diferenciados, uma vez que as terminologias não são unificadas para todos os cenários.

Logo em seguida, será realizado um embasamento teórico que possibilite explorar os materiais especiais no teor arquivístico. Após uma trajetória do documento na arquivística, apresenta-se a aplicação das teorias da área para com os documentos não convencionais.

3.1 Diferentes conceitos para documentos não convencionais

A distinção entre os diferentes tipos de acervos, por serem consideradas peças de coleções museológicas ou biblioteconômicas, não inviabiliza a sua representação também no fundo arquivístico. Borges (2008) menciona os tridimensionais em arquivos científicos e lembra que

Estes objetos são documentos que muitas vezes tiveram a sua origem nas atividades desenvolvidas pelo cientista, por um laboratório ou instituição, e que, portanto, possuem relação orgânica com o acervo arquivístico produzido (BORGES, 2008, p.27).

Em bibliotecas, as obras raras e coleções especiais têm se destacado para a promoção da instituição, uma vez que esses materiais muitas vezes não estão acessíveis ao público por motivos de segurança e/ou orçamentário. “A caracterização dessas obras segundo o seu gerenciamento, formação, manutenção, conservação, orçamento e aquisição chega a ser rara” (ARELLANO, 1998, p. 12). Na museologia, agrega-se um valor distinto às obras. O museu seleciona os objetos específicos que representam a passagem do homem no mundo. Embora similares, os termos e conceitos são caracterizados conforme a função dos documentos em cada instituição.

No que tange ao arquivo, verifica-se que pensadores tendem a se apropriar de discursos das áreas mencionadas para justificar o uso de termos para acervos distintos. Para melhor esclarecimento, Delmas (2010) aborda que, entre os documentos de arquivo estão

[...] objetos cuja conservação apresenta dificuldade para os arquivistas, sejam eles documentos de arquivo por natureza, como maquetes de arquitetos e urbanistas, ou então documentos de arquivo por destino, que preexistem à ação, como desenhos e modelos que

servem de prova nos processos de patente de invenções (DELMAS, 2010, p.70).

De acordo com Herrera (1993), os arquivos, denominados “especiais” são divididos em duas categorias. São elas: audiovisuais – tais como fotografia, microfilmes, fita cassete e discos. E suportes informáticos que registram símbolos legíveis por meio de uma máquina – como fitas magnéticas, discos ópticos, discos compactos.

Entretanto, observa-se que estas categorias não contemplam os objetos tridimensionais e suportes diferenciados que atendam ao arquivo, tais como estudos referentes aos figurinos, artefatos de cenários, louças, plantas, croquis, medalhas e objetos de uso cotidiano usados como documentos, que são mutáveis em função do tipo de atividade exercida pela instituição detentora do arquivo.

De acordo com o conceito de documento apresentado pelo Arquivo Nacional (2005) a conjuntura de sua criação será estabelecida no decorrer das atividades humanas, seja qual for: científica, artística, jurídicas, funcionais ou administrativas.

Parte desses objetos revelam, involuntariamente, o contexto social e histórico, devido aos valores peculiares neles associados. Centros de documentação e memória de empresas, públicas ou privadas, adotam o uso de diferentes tipos de acervos tendo em vista do desenvolvimento organizacional. Ou seja, a partir dos Arquivos como lugares de memória (ARANTES, 2012), contribui-se para a construção da narrativa organizacional e na projeção de novos produtos com o apoio da pesquisa acadêmica nas áreas da História, Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

Os centros de documentação, no Brasil, apresentam características nas quais “identificam, na reunião e organização de fontes documentais, a possibilidade de trabalhar com a informação retrospectiva e com os estudos históricos de forma a construir a memória de suas respectivas especializações” (CAMARGO, 2003, p.22).

Fontanelli (2005) afirma que a principal diferença nos perfis de atuação dos profissionais de informação que trabalham em centros de memória é o foco que ganha a sua documentação. Os responsáveis pelos centros gerenciam as informações relacionadas à história da instituição, possibilitando a reconstrução da memória organizacional e o uso para caráter competitivo.

Podem ainda, ser ferramentas de caráter comunicacional e cultural, o que, segundo Vitoriano (2011) configura uma constituição de acervo diferenciada.

No centro de documentação e memória, o acervo é atribuído de acordo com os objetivos da organização e as condições para o qual o centro foi criado. Assim, Gagete e Tonini (2004) classificam os tipos de acervos que podem integrar o conjunto documental da tabela 3.

Quadro 4 Tipos de documentos em centro de documentação e memória

Audiovisual / Videoteca	Fitas de áudio e/ ou vídeo produzidas ou acumuladas pela empresa e referentes à sua área de atuação ou setores correlacionados
Bibliográfico	Publicações e estudos de diferentes procedências e relacionadas às linhas de acervo definidas.
Cultura Material	Objetos tridimensionais e documentos que representam aspectos significativos da trajetória da empresa, como troféus, certificados, equipamentos, mobiliário etc.
Museológico	Objetos e documentos que se destacam pelo caráter único e inovador que representam, são apenas no universo da própria empresa como setor em que atua no país – por exemplo, o primeiro computador, o primeiro cartão magnético etc.
Fotográfico	Iconografia relacionada à empresa, de origem interna ou externa, em diferentes suportes (papel, eletrônico ou filme).

Referência	Acervos documentais e virtuais que servem como referencia informativa relacionada às linhas de acervo. Pode também abranger monitoramento de concorrência.
Textual permanente	<p>Toda documentação que reflete aspectos significativos da trajetória do empreendimento, desde sua criação até a atualidade – ou seja, não é formado apenas por documentos antigos ou raros. Fazem parte desse acervo documentos como:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Projeto de várias naturezas viabilizadas ou não; ● Relatórios técnicos e administrativos; ● Campanhas promocionais / de marketing; ● Perfis; ● Clipping (papel ou eletrônico); ● Jornais internos; ● Correspondências de diretoria; ● Projetos e programas de relações institucionais; ● Planos estratégicos, etc.
Coleções	Documentos que atestam aspectos particulares, direta ou indiretamente relacionados às linhas temáticas principais, provenientes de diferentes origens. São consideradas coleções, por exemplo, a documentação relativa à trajetória pessoal e ou política de fundadores, dirigentes e outras personalidades ligadas à história da empresa.
Banco de depoimentos	Registros gravados em áudio ou vídeo de entrevistas com pessoas ligadas direta ou indiretamente à historia da empresa. Essas entrevistas conduzidas de acordo com os métodos da historia oral, são complemento importante do trabalho de pesquisa histórica e de organização de fontes, na medida em que preenchem lacunas informativas e evidenciam elementos intangíveis da evolução da cultura organizacional.

Fonte: Gagete e Tonini (2004, p.125).

Outra questão que se refere aos arquivos com suportes diferenciados são as formas de linguagem e seus registros.

Os registros destas linguagens em suportes materiais, no exercício das funções e atividades de uma instituição ou pessoa, constituem-se em documentos arquivísticos, devendo ser objeto de processamento técnico de arquivistas e profissionais de arquivo e custodiados em instituições e serviços arquivísticos. (VIEIRA, 2014, p. 60).

No centro de documentação e memória, Goulart (2005) propõem um estudo dos conjuntos de registros para estabelecerem tipologias que contemplam as funções atribuídas. Neste sentido, elaborou-se a figura 3 para representar a ideia central de seu estudo.

Figura 3 Função do documento em Centro de Memória



Fonte: Goulart (2005, p.28-32).

A função do documento é dividida em três momentos distintos com modalidades exclusivas para cada função. Neste aspecto, são classificados os tipos documentais ligados a cada função.

Na primeira função – de comunicação, são propostos modalidades que a organização possa desenvolver um diálogo com diversas comunidades a fim de, transmitir seus objetivos e políticas por intermédio de equipes especializadas ou mediante processos de interação com o público. Dentre os

tipos documentais ligados a essa função, encontra-se em destaque: jornais internos, releases e entrevistas, clippings ou recortes de jornais e relatórios de planejamento.

Posteriormente, na segunda função – de comunicação, expressa um conteúdo diferenciado em comparação a primeira modalidade. Acontecem que, todas as modalidades são referenciais as necessidades e desejos dos consumidores por meio de conhecimentos do Marketing; fortalecimento de imagem; patrocínio de atividades culturais; e programas com o intuito de aproximar a organização à programas comunitários. São encontrados nesta categoria, os principais tipos documentais: anúncios em mídia (impressa ou eletrônica), relatórios de pesquisa de marketing, merchandising, publicações específicas sobre produtos, prêmios, folders, fotos de eventos e material gráfico.

No terceiro momento, na função – técnico científica, o autor Goulart (2005) ressalta que tal modalidade é correspondente às atividades-fim das organizações. Os tipos documentais em evidência são: projetos, apostilas, atas de reunião, bibliografias, cronogramas, gráficos, plantas e croquis, manuais e convênios.

Dessa maneira, os acervos que compõem os centros de documentação são vastos e amplos na medida que abrangem objetos tridimensionais para expor a informação. Contudo, a terminologia utilizada para tais arquivos são ainda confusas mediante os enfoques de autores da área. Um problema que causa conflitos de linhas de pensamentos e de significado para com os materiais especiais.

Desta maneira, o documento audiovisual, sonoro e o iconográfico, são representativos de uma parcela desses termos, porém não contemplam, por exemplo, os documentos tridimensionais apontados por Borges (2008) ou documentos indumentários contextualizados por Smili (2016).

3.1.1 Dimensões terminológicas dos Documentos não convencionais

A terminologia para documentos em suportes não convencionais no campo arquivístico não é pré-definido na literatura especializada. Desse modo realizou-se uma investigação acerca dos termos para documentos não convencionais em bases de dados nacionais e internacionais. Foram recuperados no total 520 artigos, sendo que 99 no eixo nacional e 421 no eixo internacional.

Dentre os termos verificados na literatura nacional, constatou-se o uso de “Material especial” como norteador para os documentos em suportes diferentes. Apesar de não ser o termo com maior frequência de uso na literatura especializada da área, optou-se pela expressão por abranger os objetos e os documentos em suportes diferenciados contemplando as áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Diante disso, a conjuntura de uso do termo foi a norteadora para a escolha da expressão “Materiais especiais” utilizada nesta pesquisa pois é pautada em cenários de aplicação do termo. Para o eixo internacional, os termos “objetos de arquivo” e “material especial” foram os que, obtiveram resultados relevantes perante a busca nas bases de dados.

Termo material especial é utilizado no contexto dos resultados obtidos como influenciador em coleções especializadas, patrimônio empresarial e arquivos escolares no Brasil. Em eixo internacional, o termo *special materials* foi o mais utilizado com 31% dos registros, sendo empregado em espaços híbridos que constituem arquivos, bibliotecas e museus, em cooperação entre si para o funcionamento do patrimônio local e nacional. É o caso das coleções Australianas, pesquisadas por Leigh (2012), que estão sob guarda de uma biblioteca híbrida. A instituição recebe, para fins de guarda e preservação do patrimônio cultural, materiais relevantes da história da comunidade.

Destaca-se também a utilização do termo “objeto de arquivos”, com 29% dos resultados. Zanella (2016) dispõem de que o arquivo se abre para uma dimensão expositiva permanente, mesmo prevalecendo o modelo de preservação.

A potencialização do arquivo em quanto recurso projetado para o futuro e, ao mesmo tempo, testemunha da memória, pode se realizar através de linhas diferentes

de intervenção, que se abrem com a individualização de seus próprios públicos e das respectivas modalidades de utilização, até a colocação em jogo de atividades para animar o Arquivo, através de várias ações que considerem a dimensão material e digital do espaço do arquivo/museu. (ZANELLA, 2016, p. 19).

A utilização do termo “objetos de arquivo” refere-se a conteúdo variável de acordo com a temática de cada artigo. Verificou-se resultados que abrangiam a ideia de tais objetos relacionados à interoperabilidade acervos digitais (MARCONDES, 2016), à sublimação de dados em nuvem (DUTRA et al., 2016) e aos recursos polífticos para objetos de aprendizagem (BORBA et al., 2014). Ressalta-se que o termo não está disponível no gráfico de Vieira (2014) e, portanto, constitui como uma agregação à sua pesquisa.

No quadro 2 observa-se a conjuntura de cada terminologia pesquisada na base de dados nacional e internacional, para melhor compreensão da aplicabilidade dos termos em contextos diferentes. O quadro 2 mostra também alguns exemplos de autores que utilizam do termo para nortear os documentos e os documentos não convencionais em arquivos, bibliotecas ou museus.

Quadro 5 Aplicabilidade do termo arquivístico

TERMOS NACIONAIS	CONJUNTURA	AMOSTRA DE AUTORES
Arquivos especiais	Documentos imagéticos, sonoros, audiovisuais, meios magnéticos e coleções.	Brito (2012); Flor (2017)
Documentos especiais	Obras raras e documentos de patrimônio cultural.	Teixeira Et. Al. (2016); Cunha (2017)
Documentos audiovisuais	Documentos de TV, sonoros e imagéticos.	Smit (1993); Santos (2013); Schellenberg (2006); Paes (2004); Belloto (2006)
Material especial	Coleções especializadas, patrimônio empresarial, memória organizacional e coleções.	Arantes (2012); Bender Et. Al (2016); Renault E Araújo (2015).
Novos suportes	Instituições em tempo de mudança; Organização de documentos digitais.	Santos E Flores (2016); Pereira E Silva (2014)
Novos documentos	Novos registros documentais no ambiente digital.	

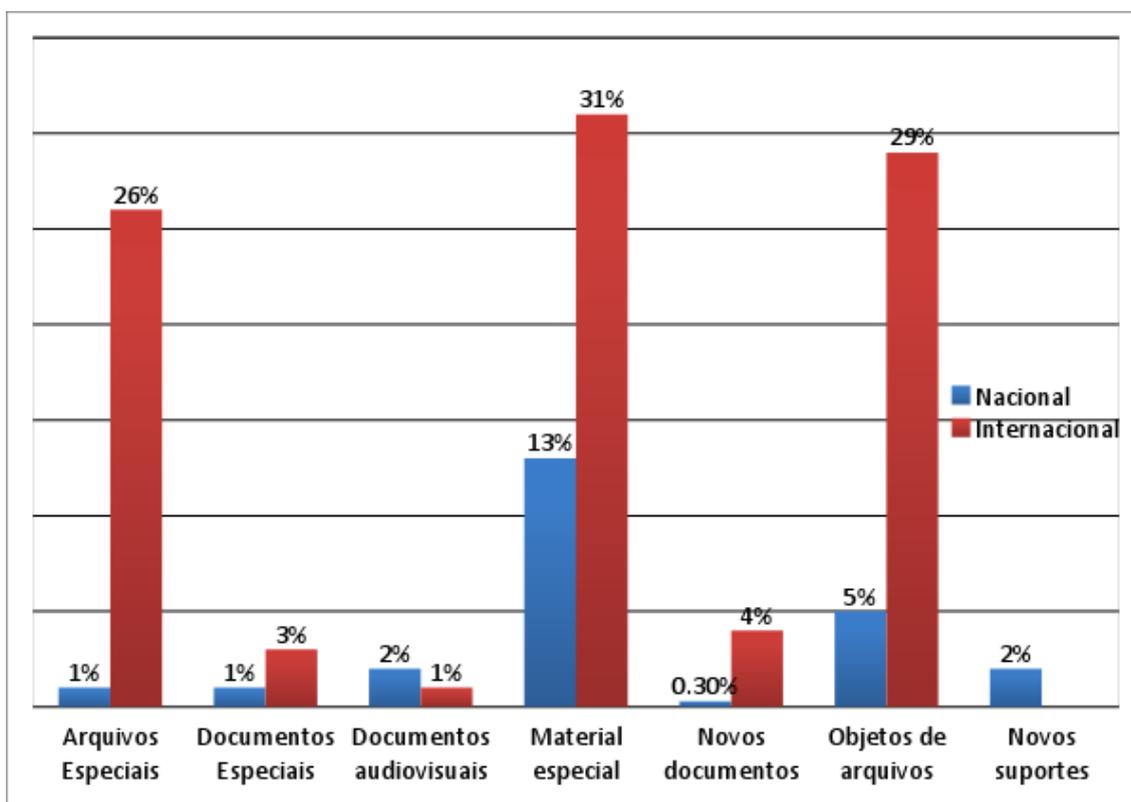
Objetos de arquivo	Objetos enquanto dados digitais; Objeto de artes; Objeto da ciência da informação.	Zabella (2016); Marcondess (2016); Dutra Et.Al (2016); Vieira (2014)
TERMOS INTERNACIONAIS	CONJUNTURA	AMOSTRA DE AUTORES
Special archive	Documentos que representam o patrimônio cultural; Memória institucional; Arquivos pessoais e universitários.	Grobovsek (2012); Mcleod (2010); Zhang Et.Al. (2007); Brodsky E Hyde (2012)
Special document	Documentos audiovisuais, sonoros e iconográficos na perspectiva dos espaços híbridos; Memória organizacional.	Marco Recio Et.Al (2013); Bowman Et.Al.(2009); Duran Pila E Serrano (2014); Gastaminza (2013); Li (2008)
Special documentation		
Audiovisual media		
Special materials	Patrimônio cultural; Heranças culturais; Espaços híbridos.	Leigh (2012); Lisius (2010); Caro Martín (2016)
New records	Documentos públicos; Documentos públicos digitais.	Salomon E Rossetti (2014); Hase (2011); Molto (2017)
Objects archives	Memória; Memória institucional; Memória organizacional; Patrimônio cultural	Hayes (2015); Darms (2009); Shepherd (2009)

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

O termo considerado mais apropriado e que supre as necessidades de interpretar os documentos não convencionais em emissora de televisão é o Material Especial visto que a aplicação terminológica adentra em estudos de casos com cenários de uso dos documentos ditos especiais em empresas de entretenimento, centro de memória empresarial, memória institucional e patrimônio empresarial.

Pressupõe-se que podem haver alterações de conceito mediante os termos na conjuntura internacional. Assim, Ferreira e Caldas (2017) elaboraram o gráfico 1 com o intuito de ilustrar, de maneira quantitativa, a comparação terminológica internacional com a busca nacional.

Gráfico 1 Uso da terminologia em âmbito nacional e internacional



Fonte:Elaborado pelo autor, 2017

A compreensão dos arquivos não convencionais enquanto nova interpretação ou ressignificação do passado, da tradição e da memória, reflete a articulação pós-custodial que propõem uma (re)leitura, remodelagem e reinterpretção do que se conhece por documentação. Nesta perspectiva, destaca-se a importância desses acervos para a preservação da memória e, ainda, para a promoção e visibilidade institucional no contexto socioeconômico. Logo, há de se pensar em contemplar, além dos registros textuais, iconográfico, sonoro e audiovisual, outros formatos e tipos de documentação que corroboram para a ampliação do termo.

Relata-se a função criativa de desenvolvimento de produtos baseados em acervos como o arquivo da grife *Osklen que atua em um papel criativo*. Por meio da memória digital e analógica de projetos textuais, material fotográfico, audiovisual, têxtil e iconográfico foram sistematizadas uma organização do

acervo para a realização de mini-exposição interna para a divulgação dos conteúdos associados com as ações, projetos e parcerias da *Osklen*.

3.1.2 Dimensões terminológicas do documento audiovisual

Para a compreensão dos documentos audiovisuais, considera-se o cenário no qual se deram o surgimento dos veículos de comunicação como o cinema, rádio e a TV. Para Santos *et. al* (2018), a partir do surgimento dos meios comunicativos que integram movimento, som e imagem no final do século XIX e a primeira metade do século XX, na Europa e nos Estados Unidos, criam-se as necessidades de formação de acervos físicos compostos por fotografias e filmes para a origem das imagens em movimentos.

Para tanto, a discussão quanto a terminologia do documento audiovisual não é unânime tendo variações terminológicas que comprometem o significado do documento em questão. “Diferentes termos têm sido empregados para denominar os meios audiovisuais: multimeios, recursos audiovisuais, materiais não impressos, materiais especiais, não gráficos, materiais não bibliográficos e mídias” (ARAÚJO, 2014, p. 32).

Entende-se que no campo da CI, o termo mais adequado é o documento Audiovisual pois segundo a publicação da Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)⁹, a terminologia abarca conceitualmente as imagens em movimento e os sons gravados, seguindo de “O termo audiovisual – “dirigido aos sentidos da visão e da audição” – ganhou uso crescente como uma palavra simples, conveniente para abarcar todos os tipos de imagens em movimento e de sons gravados” (EDMONDSON, 2017, p. 20).

Para o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística o documento audiovisual é

Gênero documental integrado por documentos documentos que contêm imagens, fixas ou imagens em movimento, e registros sonoros, como filmes(2) filmes(2)

⁹ Com o objetivo de contribuir para o debate do Audiovisual e sua preservação, a UNESCO publicou em parceria com Ray Edmondson em Outubro de 2017 o documento “Arquivística audiovisual: filosofia e princípios”. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0025/002592/259258POR.pdf>

e filmes(2) fitas videomagnéticas. fitas videomagnéticas (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 73).

Segundo Silva (2013) a definição do audiovisual apresenta incoerência uma vez que na definição são considerados registros sonoros e imagens fixas como documentos audiovisuais, ou seja, para um documento audiovisual é necessário ora imagem, ora som isoladamente.

Dieuzeide (1965) conceitua os audiovisuais como meios eletrônicos e mecânicos de registros, reprodução e difusão de informações sonoras e visuais utilizadas separadamente ou conjuntamente para apresentar conteúdos.

Diferente do Diccionario de Términos Archivísticos que descreve o documento audiovisual sendo fragmentado como “ los que transmiten la información a través de la imagen o del sonido. Pueden englobarse en tres grupos: imagen fija, imagen móvil y registros sonoros” (JORDÁN, 2003, p. 97). Apesar de restringi-los, o verbete decorre da junção de imagem e som para determinar a conceituação mas restringe em grupos de uso.

No Brasil, o Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ), estabelece que o arquivo audiovisual é

1. Organização, departamento ou unidade, de natureza pública ou privada, dedicado ao tratamento técnico, preservação e acesso aos documentos audiovisuais.
2. Conjunto de documentos audiovisuais produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades (CONARQ, 2014, p. 4).

Após a introdução dos meios audiovisuais na sociedade, estes instrumentos impactaram os nichos sociais dos indivíduos e das instituições. “Os Arquivos Audiovisuais são oriundos de uma variedade de ambientes institucionais” (EDMONDSON, 1988, p. 11). A UNESCO insere as instituições como parte de um descritor que especifica os valores do documento associados a ela.

Dependendo do contexto, o termo pode ter diversas conotações, inclusive o sentido de itens selecionados

individualmente de acordo com uma política, em oposição a um fundo de arquivo, ou a um grupo de registros relacionados em um todo orgânico (EDMONDSON, 2017, p. 22).

Desse modo, os documentos audiovisuais quando considerados documentos de arquivos fazem parte um contexto orgânico, sendo que não significam nada isolados. Para Harrison (1997) as políticas de organização, acesso, preservação e conservação dos audiovisuais são diferentes dos documentos convencionais e assim, exigem do profissional uma atenção maior para com o contextos dos documentos audiovisuais. “Nesse sentido, não existem arquivos audiovisuais, de filmes ou qualquer outra natureza imagética, mas sim documentos que se relacionam, sejam textuais, audiovisuais, fotográficos etc” (SILVA; CARVALHO, 2014, p. 3).

E do mesmo modo que Edmondson (2017) demonstra o interesse pelas instituições que custodiam os audiovisuais, Silva e Carvalho (2014) ressaltam a necessidade de criação de políticas arquivísticas para com os documentos com som e imagem.

[...]o documento audiovisual, inserido em um contexto arquivístico, deve ser compreendido quando relacionado com os demais documentos produzidos e acumulados pelo organismo produtor, mesmo esse possuindo características ilusórias que dão a sensação de realidade, a contextualização arquivística é indispensável, uma vez que o documento de arquivo não possui o caráter autoexplicativo (SILVA; CARVALHO, 2014, p. 5).

Os arquivos audiovisuais variam de foco e especialização bem como de estrutura e capacidade conforme a conjuntura da instituição. Para Koch (1993) existem grandes arquivos com equipamentos de última geração, vídeo e laboratórios de processamento de filmes, teatros, auditórios especializados, sistemas de pesquisas. Por outro lado, existem arquivos que têm poucas ou nenhuma dessas coisas. Neste viés, é importante os conhecimentos dos procedimentos arquivísticos para o saber “arquivar”.

Manini (2016) resalta as particularidades do documento audiovisual que os diferenciam dos demais e a relação do documento imagéticos e fílmico com o profissional da informação. “Existem dois exercícios que se estabelecem

entre a imagem e o profissional da informação: o resumo (descrição sucinta da imagem) e o levantamento de descritores ou termos de indexação” (MANINI, 2016, p. 109). Desta maneira, a descrição é feita em duas vertentes: a identificação simples e descritiva da imagem e uma descrição mais aprofundada na qual contextualiza-se o documento.

Esta contextualização é possível não só obtendo informações adicionais da imagem por meio de dados extra-imagéticos, escritos. A oferta dos dados de contextualização – que parte do profissional da informação para chegar ao usuário – também é feita por meio da escrita, na transposição de estruturas da imagem para as representações documentárias (MANINI, 2016, p. 109).

Entretanto, Manini (2016) diz que quando se descreve a imagem, o profissional tem uma interpretação diferente do “criador” da imagem, construindo assim, um outro significado no arquivo. A existência do patrimônio documental para longo prazo depende também de condições de preservação para com os acervos.

A seguir, serão expostos alguns princípios da preservação da UNESCO (2002) para o patrimônio audiovisual:

- Documentação das coleções: A documentação facilita o registro e a recuperação de materiais evitando sua perda. Com isso são necessários procedimentos de indexação, catalogação, registros em softwares e os suportes de cada documento.
- Condições dos ambientes: Temperatura, umidade, luz, contaminantes atmosféricos, segurança etc.
- Prevenção: manipulação dos itens de um acervo e armazenamento adequado em locais com temperaturas e umidade propícias aos materiais.
- Manter o documento original: O documento pode ter valor histórico por ser o primeiro suporte a ser registrada a informação.
- Transferência: A transferência se torna uma medida de preservação quando verificados os sistemas e softwares adequados para os registros

das informações em novos suportes. Entretanto, o documento original deve ser guardado.

- Diferentes tratamentos: São diferentes as formas de armazenamento, manipulação, gestão e tratamento dos suportes. Com a criação de novas tecnologias, necessidade de transferência de conteúdo deve acompanhar as invenções sem a perda de informação.

Neste aspecto, Oliveira (2016) salienta que a arte audiovisual está amplamente ligada às novas tecnologias mas que é importante se atentar para o tempo de vida das mídias modernas e as características dos suportes. Contudo, como salientam Silva e Carvalho (2014), os suportes não devem ser princípios de organização mas sim, aporte para a preservação dos conteúdos informacionais

O Programa Memória do Mundo de 1992 da UNESCO propõe a facilidade a preservação do patrimônio documental bem como o acesso universal aos documentos. A UNESCO Considera o patrimônio documental

- Móveis (ver mais adiante)
- Feitos de símbolos / códigos, sons e/ou imagens
- Preserváveis (os suportes são elementos inertes)
- Reproduzíveis e transladáveis
- O fruto de um processo de documentação deliberado (UNESCO, 2002, p. 11).

A riqueza e a salvaguarda do patrimônio fílmico é tão quão importante comparada com os demais documentos. Isto pois a memória contida nos filmes representa o legado que ultrapassam os limites da cultura e do tempo devendo ser preservados para as gerações futuras.

3.2 Movimento histórico do documento em suportes não convencionais

Para se estabelecer com melhor precisão os documentos que denotam suportes diferenciados para registrar a informação, é necessária uma precisão terminológica que vise a compreensão desse tipo de documento no teor arquivístico. Cabe, então, representar a riqueza e a diversidade do termo “documento arquivístico” perante os autores clássicos e não clássicos autores da Arquivística.¹⁰

O início do século XX é marcada pela publicação do Manual dos arquivistas holandeses (publicado em 1898, por S. Muller, T. Feith e J. Fruin e considerado um divisor de águas na trajetória da arquivologia no campo das disciplinas. Rondinelli (2013) classifica as ideias centrais do documento arquivístico no manual holandês em três aspectos, que são: O conjunto, a apresentação dos documentos e a produção e recebimento por um órgão administrativo. O quadro 3 para estabelecer a conjuntura das ideias principais postas por Rondinelli (2013). Salienta-se que, no manual são apresentadas outras regras e princípios científicos para com a documentação arquivística.

Quadro 6: Ideias centrais do Manual dos arquivistas holandeses

Ideias centrais do <i>Manual</i>	Conjuntura
Organicidade	Um arquivo é orgânico e vivo, no qual cresce, se forma e sofre mutações. Contudo, caso um único documento tenha sido preservado, este é, por si mesmo, um todo.
Forma documental	Formas documentais restritas aos documentos escritos, desenhos e matéria impressa. Outros objetos não poderiam formar parte do arquivo
Natureza dos arquivos	Documentos resultantes de atividades desempenhadas por pessoas jurídicas. Não abarcam as pessoas físicas no conceito.

¹⁰ Segundo Tognoli (2010), a maioria dos autores remonta a 1898 para designar o surgimento da Arquivística enquanto disciplina. Para tanto, ver SILVA et al (1999).

Fonte: Elaborado pelos autores. Baseado em Rondinelli (2013 p, 146-148).

O manual contribuiu, portanto, para as primeiras reflexões sobre o documento na visão da arquivística. Em 1922, outro manual intitulado Manual de administração de arquivo cooperou para o estabelecimento do conceito de documento na disciplina. Segundo Jenkinson (1922), o documento no contexto arquivístico é

Todo manuscrito em qualquer suporte, todo texto produzido por máquinas de escrever e todo texto produzido mecanicamente por tipos, blocos e clichês: acrescentam-se a estes todas as evidências materiais que, contendo ou não sinais alfabéticos ou números, são – ou presumidamente foram – parte ou anexos de documentos como os definidos anteriormente (RONDINELLI, 2013, p.149 apud JENKINSON, 1922 p. 6).

Nestas palavras, Jenkinson (1922) não condiciona o documento em registros textuais, mas sim, elenca outras formas para além do conceito dos holandeses. O objetivo principal do autor é estudar as características dos documentos relativos à forma de apresentação. “Segundo Jenkinson, os arquivos deveriam ser preservados pelos próprios criadores, para uso próprio, sem considerar uso futuro para fins históricos ou de pesquisa” (TOGNOLI, 2010, p. 26). Neste caso, os próprios administradores teriam a missão de selecionar e destruir seus documentos.

Nas palavras de Tognoli (2010 apud Jenkinson (1922)), os documentos de arquivo eram dotados de características de imparcialidade e autenticidade. A imparcialidade “corresponde à primeira parte do conceito e ao fato de os documentos serem produzidos no curso normal das atividades e com o objetivo primeiro de atender à instituição que as desempenha” (RONDINELLI, 2013, p.153). Duranti (1994) ressalta que, segundo a concepção de imparcialidade, diz que as pessoas detêm de motivos para desenvolver suas atividades bem como de circunstâncias rotineiras para produzir o documento.

Já a autenticidade “assegura que os documentos são os mesmo desde o início, não sofreram nenhum processo de adulteração e, portanto, são

autênticos” (RONDINELLI, 2013, p.153). Quanto às palavras de Duranti (1994, p.51) “documentos são autênticos porque são criados, mantidos e conservados sob custódia de acordo com procedimentos regulares que podem ser comprovado”.

Os estudos de Jenkinson (1922) demonstram visões de um tempo particular no qual os documentos se fundamentam de maneira diferente em relação às gerações futuras.

Com as guerras, a Depressão de 1929 e as novas funções administrativas, que de certo modo, produziram e acumularam grandes proporções de documentos, Schellenberg (2006) inicia uma abordagem nos Estados Unidos do conceito de documento perante as definições de Jenkinson (1922) e dos holandeses. Logo após a década de 30, o autor estadunidense considera essenciais novos conceitos à qualidade arquivísticas dos documentos. Dessa forma, ele distingue elementos tangíveis e intangíveis que se relacionam com os valores (primário e secundário) e a avaliação documental.

Em relação aos elementos tangíveis, Schellenberg (2006, p.37) considera que os “arquivos podem ter várias formas, podem vir de várias fontes e podem ser guardados em vários lugares”. Já no que diz respeito os elementos intangíveis, o autor americano distingue três: A criação do documento, a preservação e a custódia.

O primeiro elemento refere-se à razão pela qual o documento foi criado. “Para serem considerados arquivos, os documentos devem ter sido criados e acumulados na consecução de algum objetivo” (SCHELLENBERG, 2006, p.37). Quanto ao segundo elemento intangível, este diz respeito aos valores pelas quais o documento é preservado. “Para que os documentos sejam arquivados devem ser preservados por razões outras que não apenas aquelas para as quais foram criados ou acumulados. Essas razões tanto podem ser oficiais quanto culturais” (SCHELLENBERG, 2006, p.38). Já no terceiro e último elemento intangível, Schellenberg (2006) ressalta que somente Jenkinson (1922) considera-o essencial. Trata-se da questão da custódia ininterrupta, ou seja, os documentos de arquivos serem distinguidos de outros

tipos de documentos. Neste caso, dispõem de dois conceitos distintos: *records* e *archives*. A definição de *records* é indicada como o material de arquivo. Enquanto ao termo *archives* “será usada para indicar o material que é objeto da instituição” (SCHELLENBERG, 2006, p.36).

Esta separação de conceitos no contexto de Schellenberg (2006), pode ser traduzida como “o primeiro se aplica à entidade arquivística nas fases corrente e intermediária, enquanto o segundo se refere à fase permanente¹¹” (RONDINELLI, 2013, p.162).

Contemplando a definição de arquivos, Casanova (1928) abrange a definição de que “O arquivo é a acumulação ordenada dos documentos de uma instituição ou indivíduo, constituído no curso de sua atividade e conservado para a consecução dos objetivos políticos, legais e culturais daquela instituição ou indivíduo” (CASANOVA, 1928, p.19 apud CAMPOS, 2012 p.3).

Nesta concepção, os três autores (Schellenberg, Jenkinson e Casanova) que foram sintetizados no início desta seção refletiram suas teorias, princípios e metodologias arquivísticas conforme a natureza dos arquivos físicos e jurídicos além da organicidade implícita.

No entanto, a partir dos anos 90, novos pensares para com o documento arquivístico ganham destaques visto as funções e práticas dos entes que os criaram para englobar agora, os documentos contemporâneos. Paola Carucci (1983), na Itália, foi uma das precursoras da Diplomática como disciplina que se funde com a Arquivística. Ao estudar os documentos contemporâneos, Carucci conclui que o conceito de arquivo se destina a finalidades jurídicas e administrativas cuja função é conservar os documentos em seus contextos para utilização diversa. Assim, o documento arquivístico

Tem, desde tempos remoto, a função de testemunhar ou de conferir valor jurídico às relações sociais, às relações entre estado e sociedade, Entre Estado e Estado, garantindo assim segurança. Daí resulta que a documentação de uma autoridade pública, de um ente eclesiástico, de um tabelião, apresenta, em relação à própria atividade de cada um deles, características particulares; delas decorre que, entre os documentos que

¹¹ O ciclo de vida dos documentos de uma pessoa ou organização correspondem à teoria das três idades proposta por Pérotin (1961). Os períodos de atividade se distinguem em três momentos ou fases: corrente, intermediária e permanente.

compõem o arquivo daquela autoridade, daquele ente, daquele tabelião, existe uma conexão lógica e formal que os liga entre si mediante um vínculo necessário, chamado comumente de vínculo arquivístico (CARUCCI, 1983, p. 19).

Neste caso, Carucci (1983) menciona a organicidade explícita na noção dos arquivos a partir de pessoas jurídicas e físicas.

A partir daí, começa a se construir características relativas aos documentos arquivísticos. Duranti (1994) ressalta a relação de tais registros como consequência de atividades da qual resultam e que vem sendo amplamente exploradas pela Diplomática. Segundo a autora, a obra de Carucci (1983) têm forte influência na construção da disciplina para com a produção e a gestão de documentos contemporâneos.

Assim, Duranti (1994) identifica cinco características correspondentes ao documento arquivístico: imparcialidade, autenticidade, naturalidade, inter-relacionamento e unicidade.

A primeira característica é a imparcialidade. Os registros são imparciais mediante o sujeito que o confeccionou. Este, não é livre de preconceitos, mas que as razões pelas quais os documentos são produzidos e as circunstâncias de sua criação asseguram uma fidelidade aos fatos e ações dos casos.

A segunda característica dos registros documentais é a autenticidade. “A autenticidade está vinculada ao *continuum* da criação, manutenção e custódia. Os documentos são autênticos porque são criados tendo-se em mente necessidade de agir através deles” (DURANTI, 1994, p. 51). Por isso, o documento quando criado por uma entidade competente possui elementos que garantem sua existência e de sua verdade registrada. Delmas (2010) salienta o testemunho involuntário mediante a autenticidade do documento. Este oferece um testemunho objetivo e por não serem isolados, asseguram-se como uma fonte de verdade.

A naturalidade é a terceira característica apontada por Duranti (1994). Diz respeito à maneira como os documentos são reunidos. “[...] eles não são "coletados artificialmente, como objetos de um museu” (DURANTI, 1994, p.52).

Neste caso, a autora expõem que os documentos se acumulam de forma progressiva e contínua, diferente de outros documentos em instituições diferentes como o museu.

Como quarto ponto a ser exposto, Duranti (1994) ressalta o inter-relacionamento. Trata-se do relacionamento do documento com os outros no decorrer de suas atividades.

Os documentos estão ligados entre si por um elo que é criado no momento em que são produzidos ou recebidos, que é determinado pela razão de sua produção e que é necessário à sua própria existência, à sua capacidade de cumprir seu objetivo, ao seu significado, confiabilidade e autenticidade (DURANTI, 1994, p. 52).

Como quinta e última característica, a unicidade é apresentada como o desempenho único de cada documento frente ao grupo ao qual pertence ou em outros grupos do universo documental.

De fato, as características apresentadas por Duranti (1994), dialogam com as fontes de Jenkison na compreensão dos registros documentais perante o passado tanto imediato quanto histórico para propósitos culturais ou administrativos.

Mediante a conceituação de “documento de arquivo”, Delmas (2010) evidencia que não é qualquer documento qualificado como o de arquivo.

Tais documentos são padronizados e normalizados, pois devem comportar certo número de informações precisas e especificar quem as fornece, quem as estabelece e quem as atesta. O aspecto material pode ser diferente, mais os tipos de informações são sempre aqueles que sistemática, a legislação ou a regulamentação exigem (DELMAS, 2010, p.58).

Delmas também faz uso das conceituações anteriores sobre o documento arquivístico e o qualifica também, para o caráter pessoal de cidadãos e de empresas. Para cada conjunto orgânico reunindo documentos é denominado “fundo de arquivo”¹².

A diversidade de suportes e usos de documentação para necessidades específica, fazem com que Delmas (2010) redobre a atenção voltada aos

¹² O conceito foi apresentado no livro Os fundamentos da disciplina Arquivística (1988) de JeanYves Rousseau e Carol Couture,

documentos de arquivos e evidencie uma reflexão perante registros documentais de suportes diferenciados, tais como: a preservação e o uso da memória valendo-se desse tipo de documento.

Para obter significado no arquivo, são indispensáveis o pensar orgânico de todo o contexto de produção e de compreensão do documento na unidade. É necessário estabelecer relações existentes do acervo com os demais documentos na instituição uma vez que considerou-se os materiais especiais como documentos de arquivo. Acredita-se que o empresa enquanto custodiadora recebe e confecciona os objetos para uso em suas produções. Posteriormente, os artefatos são identificados, descritos e preservados, para usos futuros em virtude de seu valor informativo de dados neles contidos. Para Silva e Carvalho (2014, p.8) “quando o contexto de produção é rompido não podemos extrair nenhuma informação que gere conhecimento, que, de fato, represente o contexto no qual fora criada”.

Os documentos em suportes diferenciados, inseridos em um contexto arquivístico, devem ser compreendidos na relação que têm com o organismo produtor, baseado em provas ou pelo teor informativo que são representados.

Deste modo, para os próximos subitens descritos na seção 3, são explorados os documentos não convencionais em duas vertentes: na preservação e na memória. Escolheu-se tão somente estas duas características pelas particularidade de manuseio e do uso dos materiais especiais. Deste modo, a preservação dos materiais especiais é singular, carecendo para tanto de estudos específicos para a aplicabilidade de técnicas de conservação e prevenção baseadas nas características de cada documento.

Assim, os documentos tem outras possibilidades de uso além das funções da quais foram criados. Baseado na Memória, são utilizados os registros informacionais com suportes diferentes podem ser utilizados para a composição da memória organizacional, bem como para a inovação, criatividade e na tomada de decisão.incluso na instituição.

3.2.1 Preservação

Por preservação entende-se “um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais” (CASSARES, 2000, p. 12). Diferente da conservação que objetiva “[...] ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos (higienização, reparos e acondicionamento)” (CASSARES, 2000, p. 12). Conhecendo a natureza dos materiais que compõem o documento, torna-se compreensível os elementos sujeitos às alterações da forma original dos acervos.

A variedade de materiais constituintes dos arquivos não convencionais, fazem com que os suportes sejam prioridades na organização do acervo. Por suporte entende-se uma gama de gêneros documentais existentes que são de co-responsabilidade de instituições informacionais, como arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus, e que são fadados à divulgação científica, tecnológica, cultural e social da nação. Desde que sejam aplicados procedimentos de tratamento documental aos materiais, respeitando as suas diferentes origens (BORGES, 2008). Acontece que o suporte como: a madeira, o papel, a cerâmica, o acrílico, o plástico, o metal, o tecido ou o couro não devem ser insumo para a organização e sim para a conservação e preservação da informação registrada.

Os cuidados de conservação preventiva e de preservação também deverão ser especializados para cada tipo de objeto e de material, sendo o mais recomendável sempre procurar um especialista para realizar qualquer intervenção, mesmo que de higienização” (MANINI, 2016, p. 258).

Com a conscientização em relação à preservação e conservação do patrimônio histórico, artístico e cultural mantidos em museus e instituições afins, Teixeira e Ghizoni (2012) elaboraram uma coleção de estudos museológicos com possibilidade de servir de embasamentos para os acervos criativos. “Os acervos, de maneira geral, são constituídos de objetos variados, compostos dos mais diferentes materiais e técnicas, muitas vezes num único objeto, o que dificulta o trabalho de conservação dos profissionais” (TEIXEIRA; GHIZONI, 2012, p. 16).

A degradação do material levam o documento a um estado de instabilidade física comprometendo a sua existência. Com isso, destaca-se os principais causadores nocivos de deterioração em acervos: os fatores ambientais, os fatores biológicos, as intervenções impróprias e os furtos e roubos. Por fatores ambientais compreende-se o conjunto externo que atuam diretamente no documento, tais como: temperatura, umidade do ar, radiação da luz e qualidade do ar (CASSARES, 2000).

Os fatores biológicos, segundo Cassares (2000, p. 17) são “[...] depende quase que exclusivamente das condições ambientais reinantes nas dependências onde se encontram os documentos.” Resumidamente, são os fungos, roedores e insetos. Para o autor, a higienização metódica é a única solução para controlar a condição da conservação dos documentos.

As intervenções impróprias são ações que podem ser causadas com a “boa intenção” do profissional, uma vez que seu propósito era proteger o documento. Mas acontece que uma intervenção inapropriada tende a causar graves efeitos danosos nos documentos. “Qualquer tratamento que se queira aplicar exige um conhecimento das características individuais dos documentos e dos materiais a serem empregados no processo de conservação” (CASSARES, 2000, p. 22). é preciso ver que cada documento tem características peculiares como suportes, tintas e pigmentos que podem entrar em colapso com um procedimento realizado de forma inapropriada. Causando assim, a degradação do documento.

Por último, a instabilidade do documento é corrompida por fatores que fogem da nuance previsão. Como os furtos e os vandalismos que são consequências da falta de políticas de segurança e de controle aos acervos. Diretrizes de proteção, sistemas de alarmes e detectores internos podem auxiliar na salvaguarda do acervo.

3.2.2 Memória

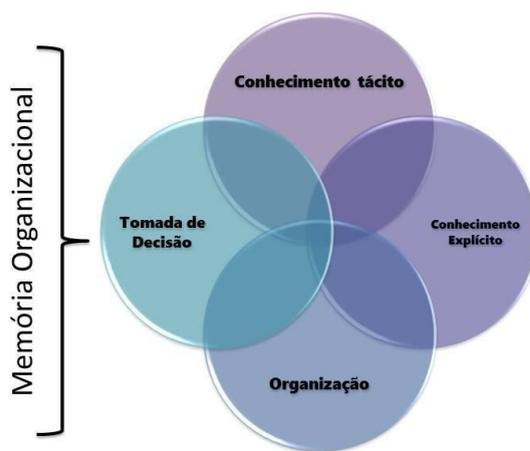
Com o impresso, o sujeito é exposto a acúmulos progressivos de novos textos. Consequentemente, os lugares de memórias ou instituições-memória, denominado por Pierre Nora (2003), são criados pela necessidade de grandes condensações de registros. Entretanto, o esquecimento servia como ruptura do novo e da criação, já que a memória se estabilizava pela repetição e também pelo registro.

No caso dos indumentários, esquecer faz parte de um ciclo de reutilização dos documentos para uma “transformação” do velho para o novo.

Plumas são caras, então é bacana reutilizá-las, em vez de comprar novas. Mas algumas peças do acervo acabam ficando muito sambadas de tanto que são usadas, então reservamos mais para a figuração (HELENA GASTAL em entrevista a revista O Globo, 2012 – Website).

Por meio da leitura de Sá Freire et. Al (2012), considera-se a composição da memória organizacional difundida na relação integrada por: conhecimento tácito, conhecimento explícito, a organização e a tomada de decisão conforme figura 4.

Figura 4 A memória na organização



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

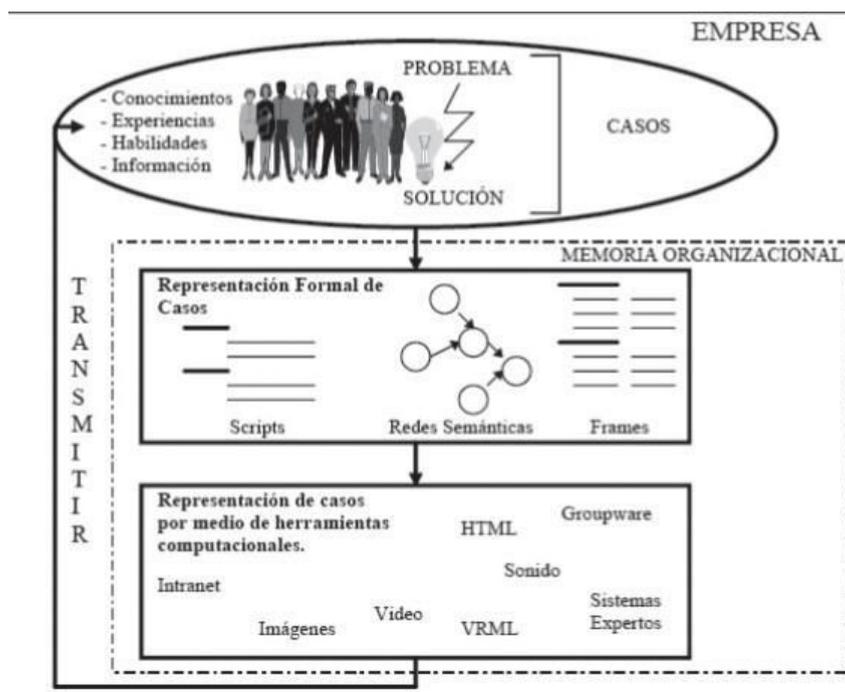
Mediante as falas descrita na pesquisa, pode-se concluir que: o conhecimento tácito (pessoal) é constituído por uma intuição (ato de reciclar o

arquivo indumentário para novas produções); o conhecimento explícito (registro em algum suporte: a vestimenta); a organização (colaboradores, técnicas, funções, ambiente social de trabalho); e torna-se estratégico mediante à tomada de decisão (o que reciclar, como reciclar e para quem reciclar).

Tais ações se colocam, portanto, em um posicionamento de mercado que se apoia fortemente em características de inovação e criatividade.

Com isso, a visão de Soltero (1997) propõe um modelo de memória organizacional integrado para melhor gerenciar o envolvimento da organização em um sistema de MO. Compreende-se três partes do modelo: caso, apresentação de casos e a representação por meio de ferramentas computacionais.

Figura 5 Modelo de Memória organizacional



Fonte: Soltero (1997, p.44).

Segundo o autor, as pessoas se relacionam baseadas em suas experiências para obter informações. Como a MO é constituída por experiências e conhecimentos importantes, uma das maneiras de migra-las é

por meio de casos. “Um caso é uma parte contextualizada de conhecimento que representa uma experiência” (SOLTERO, 1997, p.40 – Tradução nossa).

Os casos, assim, são registrados, com o intuito de serem manipulados e resolvidos. Os procedimentos usados para a solução devem tornar-se memória organizacional, composta para representar formalmente o conhecimento por meio das redes semânticas e frames. Posteriormente, na terceira parte do modelo, devem-se ajustar as ferramentas computacionais que permitam capturar e transmitir os casos a todos os colaboradores da empresa. Assim, o documento é utilizado no caráter de representação do passado e como artefato da memória organizacional capaz de servir de suporte para a tomada de decisão.

Sendo assim, aborda-se o entendimento de arquivo enquanto processo vivo para a construção de narrativas e de novos e diferentes olhares em relação à história, à cultura e à arte.

4 METODOLOGIA

A abordagem da pesquisa é qualitativa, do tipo descritiva. Gil (2008) relata que os fatores externos e internos de um determinado objeto contribuem para a explicação e ocorrência dos fenômenos. Isto porque explica a razão e o motivo das coisas. Para a pesquisa descritiva, relata-se as características de um determinado fenômeno, bem como identificar, relatar, comparar com outros aspectos determinantes para a construção das variáveis estudadas.

Gil (2008) destaca ainda que a complexidade existente na pesquisa explicativa e descritiva tendem a proporcionar conceitos preliminares sobre determinada temática que não foi contemplada satisfatoriamente em outros estudos. Assim, essas duas tipologias contribuem para o esclarecimento do termo e contexto relacionados aos arquivos não convencionais.

Mediante o objetivo da pesquisa, os métodos utilizados foram o Estudo de Caso e a Pesquisa Documental. Yin (2015) salienta que o procedimento de Estudo de Casos auxilia a entender o mundo real e a assumir condições exaustivas em torno do caso que permita amplo e detalhado conhecimento. Já para a Pesquisa Documental “[...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (CAULLEY apud LÜDKE e ANDRE, 1986 p. 38).

O almoxarifado e o centro de documentação foram locais analisados da rede globo. O motivo da escolha se deu pela representatividade da televisiva no contexto de acervos criativos que utilizam documentos não convencionais e os documentos audiovisuais e junto por sua trajetória histórica na representatividade de oferecer prestação de contas através dos produtos realizados pela emissora. A Rede Globo de Produções tem grande infraestrutura financeira e de recursos humanos para com os seus acervos. Dessa forma, o Estudo de Caso possibilitou na compreensão do fenômeno – Documentos não convencionais e audiovisuais- em determinado contexto vivenciado – no ACERVO e no Almoxarifado da Rede Globo.

A pesquisa documental foi um recurso para a fonte de evidência que seria recolhido para melhor entendimento do caso. Tanto a pesquisa documental quanto a pesquisa bibliográfica têm o documento como fonte da investigação. Para Figueiredo (2007) Esses documentos são utilizados para esclarecer determinadas funções e provar hipóteses de acordo com o interesse do pesquisador.

A escolha de tal técnica deu-se diante da necessidade de investigar com melhor exatidão como os materiais especiais são utilizados para o processo de criação de novos conteúdos da emissora. O objetivo seria de atingir o máximo de clareza nas descrições dos fenômenos sociais. Assim, para Triviños (1987) as perguntas descritivas teriam grande importância para relatar comportamentos em determinados meios culturais.

A partir de tais investigações, sentiu-se a necessidade da análise documental que contemplasse o Almoarifado e o ACERVO como órgãos responsáveis para a comprovação e a valorização do conteúdo produzido.

A etapa de análise dos documentos propõe-se a produzir ou reelaborar conhecimentos e criar novas formas de compreender os fenômenos. [...] O investigador deve interpretá-los, sintetizar as informações, determinar tendências e na medida do possível fazer a inferência (SÁ-SILVA et. 2009, p.10).

Por meio de fontes documentais que apresentam conteúdos de acordo com a problemática da pesquisa como: registro do organograma, instrumentos de pesquisas e bases de dados, objetivou-se acrescentar a dimensão dos arquivos na emissora de televisão.

4.1 Rede Globo de Televisão

A Rede Globo é uma rede de televisão comercial aberta brasileira com sede no Rio de Janeiro. A empresa é parte do Grupo Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do planeta. Foi fundada em 1965 por Roberto Marinho e atualmente, é a maior emissora do Brasil e uma das maiores do mundo (LIMA, 2017). A Rede Globo atua na programação simultânea na televisão analógica e digital. Por ter uma enorme infraestrutura de distribuição de mídias

e produtos vinculados a marca Globo, ela possui capacidade para influenciar a cultura, a política e a opinião pública.

Líder absoluta de audiência e com faturamento que chega a ser mais que o dobro de suas principais concorrentes, a Globo não para e atualmente é a segunda maior emissora de TV do mundo, ficando atrás apenas da ABC, dos EUA (LIMA, 2017 - Observatório da Televisão).

Com isso, a Globo detém cobertura de 98,36% da população total do Brasil, além de 122 emissoras afiliadas em mais de 5.000 municípios (NEGÓCIOS GLOBO, 2018¹³).

Sendo a Globo o principal veículo do país, cujos conteúdos atingem milhões de domicílios, seus intervalos comerciais também estão estruturados de modo a corresponder à preferência e à confiança dos anunciantes e dos telespectadores, transmitindo informações sobre produtos e serviços lícitos, úteis e relevantes para o grande público (NEGÓCIOS GLOBO, 2013 p. 3).

Por essa forma, é a emissora que mais cresce no Brasil e no Mundo. Segundo o *The Economist*¹⁴(2014), a Globo chegou a 14,6 bilhões de reais (US \$ 6,3 bilhões) em 2013, tendo crescido de maneira impressionante na última década. Apesar dos desafios tecnológicos e financeiros que a nação brasileira enfrenta, a emissora mantém-se inovando na programação de televisão, rádio, filmes, jornais e internet aderindo as mídias tecnológicas para aproximação do público.

Para a contribuição de conteúdos arquivados na emissora, o ACERVO (antes CEDOC) reúne diversos tipos de acervos para usufruto da instituição. Há 36 anos é localizado em duas regiões distintas: São Paulo e Rio de Janeiro. Possui milhões de textos, fotos e imagens produzidas para todos os setores de mídia, é uma importante estrutura de trabalho para os profissionais da emissora. Como forma de compartilhar o conteúdo arquivado, a Rede Globo procura atender a pedidos de pesquisa que servem de apoio a exposições,

¹³ Informações Disponíveis em <<http://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Brasil.aspx>> Acesso em 18 Abr 2018

¹⁴ Informação disponível em <<https://www.economist.com/news/business/21603472-brazils-biggest-media-firm-flourishing-old-fashioned-business-model-globo-domination>> Acesso em 18 Abr 2018

documentários, pesquisa acadêmicas, eventos empresariais e programas de TV's públicas para contribuir com a formação de opinião do país.

De acordo com o website da instituição¹⁵, o ACERVO cedeu mais de 54 horas de imagens, atendendo a 126 solicitações feitas por instituições públicas e privadas, totalizando uma cessão equivalente a R\$3,7 milhões. Assim, a instituição oferece subsídios para compreensão dos materiais especiais enquanto formadora de novos produtos e conseqüentemente, da memória institucional.

4.2 Procedimentos de coleta de dados

Para a ação de elaboração do questionário como roteiro da entrevista, compreendeu-se a ação de entrevistar o(s) responsável (veis) pela seção de Audiovisuais do ACERVO da Rede Globo em dois lugares distintos (São Paulo e Rio de Janeiro).

Em um primeiro momento, foi contatado o setor de relações externas da Instituição para verificar o contato direto com o setor de pesquisas da Rede Globo. A relações externas Paula Rye Nakahara então passou o contato da Globo Universidade cujo o responsável pelo atendimento a pesquisa é o senhor Juan Crisafulli. Mediante o contato via e-mail, foi solicitado o preenchimento de um formulário para melhor entendimento do pedido por parte da emissora (Ver Anexo 1). Para o preenchimento do formulário foi necessário a criação dos questionários aos responsáveis pelo Almojarifado e ACERVO (Ver Apêndice A).

Mediante a vasta procura nas mídias impressas e digitais, coletou-se nomes dos profissionais que atuavam nos setores da coleta de dado. Para o Almojarifado escolheu-se a supervisora executiva Beatriz Nascimento. No que diz respeito aos Acervos indumentários, escolheu-se o supervisor executivo do almojarifado Jorge Vieira. Por último, a supervisora executiva Ana Pinho foi a escolhida para representar o ACERVO. Os resgates dos nomes dos

¹⁵ Disponível em <http://redeglobo.globo.com/globocidadania/balanco-social-2011/noticia/2012/05/centro-de-documentacao-da-globo-cedoc-guarda-historia-brasileira.html>

profissionais foram baseados em entrevistas publicadas sobre os arquivos da Rede Globo¹⁶.

Após o envio dos questionários realizado em Agosto de 2017, foram realizadas comunicações via e-mail para notificar o andamento da pesquisa. Entende-se o grande volume de pesquisas realizadas em toda a instituição e por isso, ocorreu a explicação posterior pelo funcionário ou talvez por este fator deve ter ocorrido atrasos nos prazos de respostas dos questionários. Até aquele momento, as visitas técnicas não tinham sido liberadas para o pesquisador.

Efetuaram-se novas tentativas de retorno dos documentos sem sucesso. No mês de Abril, a instituição acordou a visita técnica na Sede de São Paulo para averiguar a possibilidade de entrevista direta aos responsáveis e para o conhecimento do fluxo de trabalho realizado no ACERVO. O setor é composto somente acervo audiovisual físico e digital para colaborar com toda a instituição. Mediante ao limite do prazo de entrega do relatório final foi possível a visita do pesquisador somente na instituição em São Paulo, do mesmo modo que somente tal localidade estava disponível para recebê-lo. Entretanto, não foi disponibilizada a visita ao Almoxarifado da Globo São Paulo.

Para a coleta de dados no setor, foi autorizada pelo funcionário do setor somente a escrita por parte do pesquisador. As fotos, as gravações por meio eletrônico de voz e os nomes dos colaboradores que trabalham no ACERVO, não foram autorizadas por motivos de segurança. Como norteador de comunicação, utilizou-se do questionário encaminhado a colaboradora Ana Pinho do ACERVO (CEDOC) para recolher as informações necessárias. Foi disponibilizada uma assistente para acompanhar o pesquisador no trajeto dentro do setor e para os esclarecimentos de dúvidas. Atualmente, a gestão de de todo arquivo midiático encontra-se sob uma nova gerência, umas vez que a Sra. Ana Pinho se aposentou.

¹⁶ Reportagem: “Fábrica de figurinos da TV Globo tem cem mil itens no acervo”. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/fabrica-de-figurinos-da-tv-globo-tem-cem-mil-itens-no-acervo-3132255> Acessado em 13 out 2017.

Nesta conjuntura, a observação seguiu um roteiro elaborado a partir da bibliografia consultada sobre o tema da investigação como: composição do acervo; modos de indexação, organização e acesso; Conservação e preservação do acervo.

Até aquele momento, ficou restrita a realização de fotografias do acervo por questões de segurança do conteúdo do material.

4.3 Instrumentos de coleta de dados

No que tange às técnicas utilizadas para a coleta de dados, optou-se pela entrevista semi-estruturada, observação direta por meio de visitas técnicas e análise documental.

Em um primeiro momento, a entrevista foi composta por meio de um questionário estruturado com perguntas abertas como recurso de roteiro para o sujeito pesquisado.

A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI 1990/1991, p. 154).

Para o questionário (Apêndice A e B) enviado anexado ao formulário requerido pela instituição, foram elaboradas 28 questões sendo que nove perguntas se referem ao almoxarifado, onze para o setor de acervos indumentários e oito questões para o arquivo audiovisual. As variações dos números de questões tange a necessidade de conhecimento de cinco partes do questionário: Produção, uso e acesso, identificação, preservação e conservação e por último, a memória.

A primeira parte refere-se à produção do acervo e os tipos de materiais utilizados para compor o setor. No uso e acesso, foram questionados a prática de utilização e reutilização dos documentos não convencionais para o fazer de novas produções da emissora. No que tange a identificação, foram levantados

aspectos técnicos de uso de sistemas para indexação e classificação do acervo. Para a preservação e conservação, questionou-se a manutenção utilizada para garantir melhor vida útil aos documentos armazenados nos setores de Almoxarifado e do ACERVO. Por último, no quesito memória, abrangeu-se aspectos referentes aos intuitos de acesso ao acervo perante as vastas necessidades de cada membro (externo e interno) da emissora além de, produtos gerados por meio dos arquivos (como livros, eventos, fotos do acervo).

4.4 Procedimentos de análise de dados

Com a resposta da entrevista e a pesquisa documental foram efetuados um diagnóstico que sistematiza os fenômenos estudados mediante a análise de conteúdo de Bardin (2010), ou seja “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos” (BARDIN, 2010, p. 44).

Foram utilizadas as técnicas propostas por Bardin (2010) divididas em três etapas: 1) Pré-análise, 2) Exploração do material e 3) Resultados e Interpretações.

Na fase de “Pré-análise”, são desenvolvidas as ideias iniciais que compreendem 4 elementos. São eles: leitura flutuante, corpus de textos, formulação e reformulação de hipóteses e elaboração de indicadores. A leitura flutuante consiste, segundo Silva e Fossá (2015), em conhecimento das fontes a serem analisadas. Para o corpus, é a tarefa que diz respeito à constituição do universo estudado (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO, 2014). A formulação das hipóteses é construída baseada nos dois tópicos apresentados anteriormente. E por fim, os indicadores são fundamentados baseados na Exaustividade dos textos, fato que, atribui todos os dados do texto na pesquisa.

Em um segundo momento, parte-se para a “Exploração do material” que consiste na construção de codificação, recorte, classificação em categorias simbólicas ou temáticas (Silva e Fossá, 2015).

Análise Temática tradicional trabalha inicialmente esta fase, recortando o texto em unidades de registro que podem constituir palavras, frases, temas, personagens e acontecimentos, indicados como relevantes para pré-análise (CAVALCANTE; CALIXTO; PINHEIRO,, 2014, p. 16).

A terceira e a última fase é referente aos “Resultados e Interpretações” que incide em captar os conteúdos nos materiais coletados inter-relacionando-as com as dimensões teóricas.

Diante da proposta de Bardin (2010) elaborou-se o quadro 4 para a compreensão da primeira etapa da análise de conteúdos.

Quadro 7 síntese da primeira etapa da Análise de Conteúdo

Leitura flutuante	Conhecimento e apreciação de documentos científicos e de reportagens disponibilizadas em WEB sobre os documentos não convencionais da Rede Globo.
Corpus	Escolheu-se os conteúdos que contemplavam os documentos não convencionais para fins científicos, culturais e sociais de construção de conhecimento.
Elaboração de hipóteses	Os documentos não convencionais agregados aos acervos da instituição possuem possibilidades de maiores fluxos de uso dos registros e potencializa os produtos da emissora. Para isso, são agregadas as técnicas arquivísticas que potencializam o caráter informacional do documento.
Indicadores propostos – Categorias de interpretação	<ol style="list-style-type: none"> 1. Produção 2. Uso e acesso 3. Organização e Identificação 4. Preservação e conservação 5. Memória

Fonte: Elaborado pelos autores

Por meio da proposta de categorias de interpretação do quadro 4, obteve-se as respostas descritas em entrevista, visita técnica e nos documentos selecionados para a análise de dados.

Portanto, busca-se baseado nos objetivos da pesquisa, da organização do material bibliográfico e dos resultados obtidos na análise, estruturar os elementos de maior relevância para a temática e posteriormente, agrega-los na bibliografia da área para contribuição do crescimento referencial de tais acervos.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Materiais especiais

Visto que os arquivos têm objetos de estudos diferentes, optou-se por fragmentar a apresentação da análise em duas vertentes: Os materiais especiais e o Centro de Documentação (ACERVO- SP). Os materiais especiais localizados no Rio de Janeiro, contêm os documentos relacionados a indumentárias e aos objetos tridimensionais. Já o Centro de documentação de São Paulo são armazenados os arquivos midiáticos da Rede Globo.

5.2 Materiais especiais da Rede Globo

Utilizou-se da Pesquisa documental na seção de materiais especiais em fontes virtuais para o conhecimento do vasta acervo de objetos e indumentárias que são custodiadas pela Rede Globo e armazenadas nas regiões de São Paulo e Rio de Janeiro. Com a fontes documental, pode-se ter a noção do tratamento no documento sem distinguir o arquivo pelas duas regiões que os custodiam. Dessa forma, o intuito desta apresentação de análise dos Materiais Especiais, é expor a conjuntura do acervo na Rede Globo utilizando-se dos cinco indicadores da Análise de conteúdo.

5.2.1 Produção

Mediante o acervo disponível nos estúdios da Rede Globo do Rio de Janeiro, são arquivadas mais de 100 mil itens indumentários utilizados pela emissora para composição de suas produções. Segundo informações da reportagem de O Globo (2012), cerca de 50 colaboradores de costura produzem 1.500 peças únicas por mês. “Cada programa tem à disposição, além do acervo geral, um acervo cativo, só seu até que ele saia do ar” (MOUSSE. O GLOBO, 2012).

Cada figurino conta a história que desempenha funções: criativa e comunicativa na série. “O figurino [...] é um dos elementos que ajudam a contar uma história. Apontado pelo senso comum como a ‘segunda pele’ dos atores,

nunca passa despercebido pelo olhar crítico e interessado dos fãs” (OLIVEIRA; SANT’ANNA, 2015, sem paginação apud MEMÓRIA GLOBO, 2017, p.13).

Neste acervo há casos em que as roupas são específicas, principalmente as de época, as eclesiásticas, as fardas militares ou os vestidos de noivas.

O movimento e a produção são maiores do que os de um barracão de escola de samba. Os figurinistas são verdadeiras usinas de criatividade. Não existe nada parecido na América Latina, e acho que no mundo, com nosso potencial e nosso volume. Formamos mão-de-obra aqui, o treinamento leva no mínimo seis meses. Lá fora, numa linha de produção, quem faz jeans não faz camiseta. Aqui tem que fazer de tudo (ROSE MARIANO em entrevista para O Globo. 2012).

Analisar os documentos indumentários consiste em averiguar características que lhe são próprias e que os fazem singulares. Para que a roupa tenha um papel significativo em um contexto, é necessário que seja administrada como documento dentro da instituição. Para ser administrada como documento é preciso reconhecer que além de artefato de uso pessoal como a indumentária, também é parte de um acervo criativo da instituição.

Acredita-se que os objetos, como os indumentários, são fontes históricas dentro de um contexto de criação de conteúdos para diversas mídias como produz a Rede Globo. Mediante os estudos de tratamento de roupas como documento, possibilitam-se estudar os materiais que fazem parte do acervo bem como iniciar a cultura de conservação da memória e da história mediante as roupas.

A produção de indumentárias consiste no uso de pesquisas para a fabricação da roupa. Nisso, o processo de criação também é incorporado nas roupas como documentos. A saber, a empresa Osklen utilizou de seus registros documentais para promover a memória empresarial. Tanto o produto final (a indumentária) como o processo de constituição das criações são expostas com o intuito de inspiração para novas criações. As apropriações e os usos da indumentárias nas mais diversas áreas do conhecimento permitem um novo olhar para os testemunhos históricos registrados nos mais diversos tipos e formatos de documentos.

O acervo é constituído por inúmeras peças de roupas nas quais são organizadas em décadas. Isso facilita contextualizar o uso de determinada indumentária na produção de época realizada pela Globo após as pesquisas de culturas e vestimentas do determinado ano.

5.2.2 Uso e acesso

Para os documentos indumentários e tridimensionais, a emissora incorpora uma filosofia de movimentação. Ou seja, de reutilização do acervo para compor novas produções.

Somos acervo e não museu. A ideia é reciclar, não apenas guardar. Há itens que reservamos para exposição ou para refazer uma gravação. De cada novela tiramos duas ou três peças ícones e o restante do acervo é liberado para transformação (JORGE VIEIRA em entrevista à revista QUEM, 2015).

Na Arquivologia quando refere-se ao valor do documento são expostos dois tipos: Primário e Secundário (SCHELLENBERG, 2006). A produção do item indumentário é de caráter primário, uma vez que assume um teor administrativo para as atividades da instituição. Logo, quando assume uma natureza expositiva (itens que vão para a exposição ou transformação) assume-se um caráter secundário. Ou seja, de prova e informativo. De prova pois comprova as ações de determinado indivíduo para um produto da emissora. E informativo visto que registra a informação que aconteceu e que se pretende guardar.

Na figura 6 exemplificam-se as perucas da personagem Emília (Sítio do Picapau Amarelo) que são custodiadas pelo Almoxarifado da Rede Globo.

Figura 6 Perucas da Emília



Fonte: Tv Globo, 2015.

Os materiais especiais, quando preservados corretamente, tendem a auxiliar na composição de novas atividades/conteúdos como em exposições, formações de memória organizacional e novos produtos (programas da emissora). Percebem-se que ambas as perucas são diferentes, mas que as paletas de cores se relacionam. Da esquerda, a peruca foi utilizada por Dirce Migliaccio em 1977. Na direita, o objeto um outro objeto foi constituído para dar vida à Emília de Isabelle Drummond em 2001.

Novas abordagens demonstram o interesse pela valorização e perspectiva do passado e do futuro mediante a identidade de cada produto (novela, série, mini-série, filmes).

Quando a minha novela acaba, saio daqui só com o meu corpinho, não levo nada. Aí as próximas novelas vêm aqui escolher [...] As medidas do elenco estão sendo sempre tiradas, porque a maioria engorda durante as novelas. É difícil que alguém emagreça. A ida ao acervo é boa, porque às vezes encontramos uma bela saia para juntar com uma blusa que já temos. (HELENA GASTAL em entrevista a revista O Globo, 2012 – Website).

O acervo é constituído de fatores de memória para salvar, reter e fazer uso de informações registradas nas vestimentas passadas para compor as

atividades atuais. “Um vestido de paetês que era de "Paraíso tropical" agora é da Maitê Proença em "Três irmãs" (HELENA GASTAL, 2012). Neste caso, o documento (um vestido) utilizado em uma novela poderá ser reutilizado em outras. Assim, de maneira orgânica, a vestimenta corrobora com a afirmação e legitimidade da mensagem propagada na televisão.

5.2.3 Organização e identificação

Os materiais especiais como as indumentárias são separadas dos demais no decorrer da organização dos arquivos como na figura 7. Estes são, muitas vezes, utilizados como práticas de classificações naturalmente independentes.

Figura 7 Acervo de indumentária da Tv Globo



Fonte: TV Globo, 2015.

Cada peça de roupa tem um código, referente a sua trajetória de uso na Rede Globo. Além disso, são organizados conforme as categorias das roupas nas produções sendo elas: Novelas de época, show, fantasias, vestidos de noivas, saias.

Acontece que, a descrição arquivística se torna uma ação importante na organização documental do acervo para que a informação seja recuperada de forma eficiente e rápida pelos colaboradores. Neste caso, entende-se a importância de um profissional da informação para disseminar as possibilidades de guarda e melhor acesso.

5.2.4 Preservação e conservação

Os materiais especiais em comparação com os documentos textuais, devem receber tratamento diferenciado em sua preservação, mas que, as demais funções arquivísticas e o uso devem possuir a mesma importância sem se limitar aos suportes. Tendo em vista a variedade de espécies documentais, o suporte ou outras características físicas não são critérios únicos para a organização e sim, para a conservação.

No arquivo indumentário, são expostos materiais como plumas, fibra natural, couro, plásticos, paetês e tecidos nobres, que necessitam de tratamento especializado. Portanto, foram instalados dezenas de ventiladores gigantes e um sistema de controle de umidade que garante as características das vestimentas.

Acontece que, por já trabalharem e então, possuírem um repertório adequado para o manuseio de objetos no acervo, a museologia detém conhecimentos referentes a conservação e a prevenção de documentos não convencionais, mediante os estudos e pesquisas realizadas na área. Neste aspecto interdisciplinar, a museologia contribui em conhecimentos específicos de conservação preventiva para os acervos custodiados em Arquivos.

Nas salas onde são depositados os indumentários, são iluminados através de lâmpadas LED para melhor condicionamento e tratamento das cores. A temperatura ambiente é de 25°C e há desumidificadores de ar em todas as salas.

5.2.5 Memória

Uma vez que as roupas possam ser (re)colocadas em lugares de memória e de custódia como um centro de documentação, por exemplo, há de considerar a possibilidade de um novo contexto para a peça exposta. Isso pelo motivo de que houve uma seleção para que a roupa possa compor exposições, obras, montagens, alocadas próximas ao passado, presente e futuro da sociedade.

Assim, a roupa evidenciará uma outra realidade, fora do contexto de origem e se conectará a novas conjunturas e novas interpretações. Nesta direção, possibilita-se uma análise histórica através da compreensão de todo o contexto que traz o produto da emissora. Os figurinos, poderiam subsidiar conhecimentos históricos e atuais da vida social e cultural da população. Segundo a figurinista Marília Carneiro (2015)¹⁷, “Não estamos na Europa, não temos lojas de aluguel. Fazemos tudo do zero”.

Ocorre que, nos últimos anos, utilizaram-se de conhecimentos da museologia para agregar técnicas de cenografia e design no ambiente físico de guarda e preservação da memória. Capazes de criarem um espaço que estimulem os públicos externo e interno a conhecerem a organização, dando suporte, inclusive a pesquisas sociais, culturais e educativas.

No século XXI, com as diversas opções de comunicação contemporânea, os dispositivos culturais – museus, arquivos e bibliotecas - abarcam em uma fase que deixam de lado o ambiente restrito para a Burguesia e tornam-se parte de um cenário turístico, social e econômico. Exposições como de Tim Burton¹⁸, David Bowie¹⁹ e do Castelo Rá-tim-bum²⁰ são exemplificações de como o acesso a determinadas instituições estão se ampliando e cogitando oportunidades de interação com a massa.

¹⁷ Fala retirada da reportagem de MORATELLI, V. Conheça detalhes sobre a fantástica fábrica de figurinos da TV Globo. Revista QUEM. 2015. Disponível em <http://revistaquem.globo.com/QUEM-15-anos/noticia/2015/06/conheca-detalhes-sobre-fantastic-a-fabrica-de-figurinos-da-tv-globo.html> Acesso em 16 out 2017.

¹⁸ O MUNDO DE TIM BURTON / Museu da Imagem e do Som - MIS/ São Paulo. 2016.

¹⁹ David Bowie Is. Curada pelo Victoria and Albert Museum, Nova York. 2018.

²⁰ *Rá-Tim-Bum, o Castelo*. Memorial da América Latina. São Paulo. 2017.

O uso da mídia impressa, televisiva, internet são as principais precursoras desses eventos. Apesar de questionamentos de autores como Dogo (2015) sobre os interesses que perpassam os visitantes em acompanharem determinadas exposições e não outras, a espetacularização de grandes exposições movimentam o setor econômico e ocasionalmente é o principal motivo de filas gigantescas em algumas instituições.

Isto mostra a interdisciplinaridade diminuindo as fronteiras teóricas estabelecidas entre as áreas da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, que, perante o cenário atual tendem a trabalhar voltadas com as interações, o imaterial e as competências estabelecidas na relação entre o objeto informativo, o sujeito e o contexto. Entretanto, Vitoriano (2011) ressalta a preocupação de identificar, além das funções comunicativas que o acervo é constituído, uma função substantiva ou tipos documentais que poderiam ser preservados dentro das funções as quais foram criados.

5.3 Documentos Audiovisuais

Com os documentos diferenciados do Almoxarifado, o Centro de Documentação da Rede Globo passou por uma transição de nome antes intitulado CEDOC para ACERVO. Segundo informações recolhidas na visita ao setor, preferiu-se abranger a grande quantidade de documentos audiovisuais em uma perspectiva patrimonialista e criativa da instituição.

5.3.1 Produção

No Centro de Documentação da Globo em São Paulo - ACERVO, apresentam-se os documentos audiovisuais caracterizados pela junção de imagens em movimento e som. Os conteúdos diversificam-se conforme a localidade do centro de documentação. Segundo a fala do colaborador, o ACERVO São Paulo custodia grande parte do conjunto documental de conteúdos esportivos, jornalísticos, programas de saúde e bem estar, *trailers*

de filmes e alguns programas de auditório (Como exemplo, o Altas Horas apresentado por Serginho Groisman). No Rio de Janeiro, são arquivados os documentos audiovisuais de outros programas de entretenimentos, novelas, filmes e jornalísticos. Apesar da distinção de localidades, há também a diferença da estrutura física do prédio.

Para tanto, o acervo que o constitui tem que fundamentar a trajetória e armazenar os produtos da organização. Requerem, portanto, o auxílio de profissionais qualificados e com competências para otimizar os fluxos de trabalho, adaptações de melhores práticas e atuações para produzir, organizar, preservar e divulgar o acervo da organização para as tomadas de decisões. Com isso, o ACERVO São Paulo detém 14 colaboradores com funções diferenciadas. Entre eles: Editor, Pesquisador, Bibliotecário, produtor audiovisual e Engenheiro de redes. Há um arquivista na instituição, entretanto não no departamento. O horário de funcionamento cobre grande parte dos telejornais realizados pela instituição e caso houver urgências, fica aberto entre às cinco da manhã até às duas da madrugada.

Os documentos assim são comumente ligados à atividade-fim da organização e em algumas ocasiões, tendem a se transformarem em uma ação de empreendimento. O setor contribuiu, por exemplo, com a disponibilização de material referente à Conferência para o Desenvolvimento Sustentável (Rio+20) e no julgamento do mensalão de 2014. Além disso, propicia a melhora no fluxo de toda instituição e afiliadas, oferecendo materiais audiovisuais para a composição da programação.

Os documentos existentes no ACERVO São Paulo são categorizados em quatro gêneros documentais conforme ilustrado na Figura 8. Apesar da visita ao local, não foi possível a autorização do registro fotográfico dos formatos documentais existentes no ACERVO e portanto, procurou-se exemplificá-los com imagens da *web*.

Figura 8 - Formatos do ACERVO Globo São Paulo



Fonte: Flickr Creative Commons

Na figura 8 são representadas os gêneros documentais existentes no acervo. Da esquerda para a direita: O microfilme, U-matic, Betacam e o Disco Digital de Vídeo. Os documentos são devidamente separados por espécies em estantes deslizantes (Discos, Betacam e U-matic) enquanto que os microfilmes são posicionados em estantes fixas.

Cabe ressaltar a conceituação de cada espécie de documento encontrado no ACERVO. O microfilme é a

Microcópia (espanhol: microcópia; francês: microcopie; inglês: microcopy). É a reprodução de um documento - no sentido lato da palavra, ou seja tudo que possa servir de informação: documentos escritos, desenhos, objetos, cenas, etc. Essa reprodução é obtida por processo fotográfico ou análogo, sobre suporte plano, transparente ou opaco, que reduza as medidas do original de tal maneira que para seu exame seja necessário o emprego de um dispositivo ótico (aparelho de leitura; espanhol: aparato de lectura; francês: appareil de lecture; inglês: film reader) (VOSS e MARTINS, 1974, p. 151).

A microfilmagem convencional de documentos amparada pela lei 5.433/68²¹ garante os efeitos legais do documento original em vigor ou fora

²¹ Lei disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5433.htm> Acesso em 19 Abr 2018.

deles. Na instituição, são utilizados os tamanhos de 16m e possui um equipamento para leitura visor-copiador.

Já a U-matic é “ um tamanho menor de cassete de fita de vídeo U-matic, introduzido em 1974 para uso em decks de gravação compactos por equipes de reportagem de televisão” (*Museum of Obsolete Media*, sem data, tradução nossa)²².

Para a Betacam, o *Museum of obsolete Media* (sem data) a define como “Betacam Digital (também conhecido como DigiBeta) é um formato de fita de vídeo digital popular para uso em televisão”. Foram utilizadas 20 anos de Betacam SP para a gravação dos conteúdos da Rede Globo. Entretanto, com o advento do digital, todo o material gravado na emissora é registrado em discos ópticos ou disco óticos: “Suporte Suporte circular plano, com grande capacidade de armazenamento, em que se registram sinais visuais, sonoros ou audiovisuais, por gravação digital. Também chamado disco laser” (ARQUIVO NACIONAL, 2005, p. 70).

Os discos têm possibilidades de transmissão em HD e são mais acessíveis para a produção, o uso e a disseminação da informação.

Para a descrição de conteúdos na produção do audiovisual, utiliza-se de uma ficha manuscrita contendo as informações do documento.

Quadro 8 - Ficha descritiva de conteúdo dos documentos audiovisuais do ACERVO Globo São Paulo

ACERVO SP	Nº Ficha: SP50 - 04321
Jornal Nacional	Edição nº
Data __/__/__	
1min30 Familiares de Lula visitam ex-presidente na superintendência em Curitiba	
1min46 Imagens do congresso da ONU realizado no Rio de Janeiro	

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

²² Disponível em <<http://www.ObsoleteMedia.org/u-matic-s/>> Acesso em 19 Abr 2018

Conforme a ficha utilizada pelo ACERVO, utilizou-se uma demonstração de modelo apresentada no quadro 8. Cada minuto com conteúdo diferente é descrito para melhor recuperar as informações da edição do jornal. Cada ficha contém um respectivo número relacionado com o(s) documento(s) audiovisual(is) e guardada(s) em um armário com gavetas deslizantes. Neste contexto, a organização arquivística começa na produção documental do audiovisual quando são descritos os conteúdos da fita. Silva e Carvalho (2014) evidenciam que é na fase corrente do documento que deve ser aplicada a gestão documental para que a posteriori seja feita uma destinação adequada.

Para a recuperação da informação no sistema RRD, foi necessário introduzir as informações antes em fichas impressas para o banco de dados. São cinco os colaboradores que fazem tal trabalho juntamente com os novos conteúdos que são registrados diretamente no sistema.

No que diz ao conteúdo digital do ACERVO, carece de um *website* que disponibiliza informações para o público externo. Na era digital, o acesso à informação é amplamente reforçado pela configuração que a WEB 2.0 assume, desde a disponibilização das informações até a amostra dos conteúdos custodiados pela organização. O mesmo acontece com os documentos disponibilizados no ACERVO Globo São Paulo. Mediante a produção dos documentos audiovisuais na confecção dos produtos da emissora (programas de esportivos, jornais, séries, novelas), são consultados fontes de informações que contextualizam e dão “base” para a criação de novos conteúdos. Neste aspecto, as empresas (principalmente de entretenimento e informação) guardam sua “linha do tempo” através dos produtos que lançam para que, futuramente possam recorrer a este material para a (re)produção de outra mercadoria. Forma-se assim, um ciclo de uso e reutilização dinâmica no acervo.

5.3.2 Uso e Acesso

Pode-se dizer que com o auxílio do conteúdo custodiado pelo setor, geram-se projetos como o Memória Globo e outros produtos indiretamente como: livros, jogos e os próprios programas inéditos feitos na emissora (Vale lembrar o programa televisivo “Vídeo Show” que utiliza dos arquivos custodiados pelo ACERVO para compor a edição do programa sobre os bastidores da Rede Globo).

Para que o conteúdo seja utilizado internamente pela instituição, necessitou-se de um banco de dados que contemplasse toda a informação e *Workflow* do documento desde o ACERVO até o uso futuro. Os repórteres jornalísticos e os pesquisadores internos são os públicos que utilizam com frequência o ACERVO Globo São Paulo. Enquanto que os vídeos de conteúdo jornalísticos são fortemente explorados.

Os pedidos de documentos audiovisuais são realizados de dois modos: via telefone ou via sistema. Para corroborar com a organização do setor, criaram-se dois sistemas distintos: o sistema de banco de dados RRD e o de compartilhamento de conteúdo LOSYS. Ambos desenvolvidos pelos setores internos de Tecnologia da Informação e Desenvolvimento de sistema da Globo. No paradigma pós-custodial, os usuários são protagonistas do uso e acesso das informações e portanto requerem de sistemas que abrangem suas necessidades nas instituições de informação.

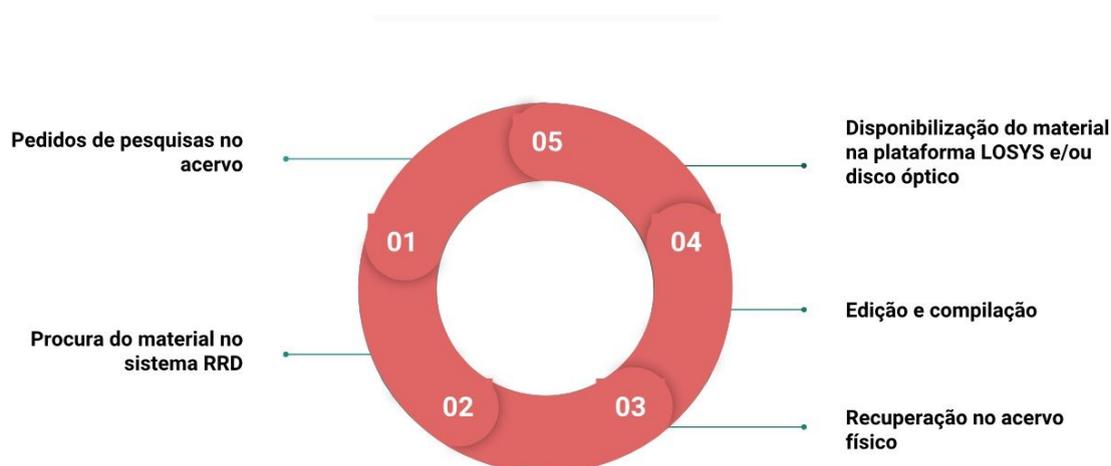
O RRD possui campos específicos que foram desenvolvidos perante as necessidades do departamento ACERVO. Foram inspirados conforme metadados de bases de dados de artigos científicos para melhor recuperação da informação. Desse modo, fragmentamos dois contextos distintos para melhor elucidar o sistema RRD: a alimentação de informações e os pedidos via sistema.

Para a alimentação de informação no sistema é necessário antes de tudo voltarmos aos documentos físicos. Os conteúdos dos documentos audiovisuais encontrados no ACERVO são descritos de duas formas: Fichas de conteúdos impressas e cadastro digital (Via sistema RRD). Ambas são descritas com o tempo de duração do conteúdo e a descrição do mesmo.

Para melhor indexar a matéria, foram elencados metadados para o preenchimento de informações como: edição do programa; nome do programa; descritores relacionados com o conteúdo; data. Com isso, a busca fica facilitada perante a alimentação de informações no sistema. Neste aspecto, ressalta-se o conjunto normativo da CIA para a criação de estruturas de dados arquivísticos. Segundo Llanes Padrón e Jorente (2017) é necessário criar padrões que traduzem as normas em uma linguagem natural e simples para os programas computacionais. No caso do ACERVO, não foi citado que o programa seguiu alguma normalização arquivística, mas sim, que seu contexto de criação é exclusivo para as necessidades da Globo.

Dadas essas circunstâncias, o preenchimento de dados têm por objetivo fornecer melhor subsídio para a recuperação dos conteúdos. Isto pois, o setor recebe diariamente inúmeros pedidos para averiguações em seus arquivos. Para os pedidos via o sistema, é solicitado um *login* e senha identificando cada sujeito. Salieta-se que nem todos os colaboradores têm acesso ao RRD bem como a realização de *login* para medida de segurança de conteúdo. Para cada pesquisa, é relacionado um número de protocolo com as informações requeridas. Em seguida, os responsáveis procuram no banco de dados as informações da solicitação, verifica o documento físico e o transporta para a área de edição. Elaborou-se a Figura 9 para melhor explicação do processo de pedidos no ACERVO SP.

Figura 9- Processo de pedidos no ACERVO Globo São Paulo



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Conforme o processo na figura 9, primariamente são solicitados os pedidos de pesquisas via telefone ou via RRD. Para a procura do material no banco de dados, são registrados o maior número de informações cedidas pelo sujeito para recuperar o documento. Desse modo, o sistema tem campos específicos de filtragem de nomes, ano, operadores booleanos, linha do tempo, tipo de documento. Logo em seguida, o documento é buscado no acervo com o respectivo resultado fornecido pelo sistema.

Juntamente com o setor ACERVO, são encontradas salas de edição de audiovisual com os profissionais de editores de imagem conforme o item 3 da figura 9. A edição do centro de documentação faz o recorte da imagem solicitada e o ajusta no tempo necessário para suprir a necessidade do sujeito solicitante. Logo após, é entregue o disco com o pedido e disponibilizado para a retirada.

É neste momento que o sistema de compartilhamento de conteúdos LOSYS é utilizado. Quando pronto o material solicitado, existem duas formas de retirada do mesmo: em disco (DVD/CD) ou disponibilizado no servidor interno. O LOSYS é um sistema desenvolvido exclusivamente para a Rede Globo na qual compartilham os conteúdos de vídeos solicitados pelos colaboradores. Desse modo, todo o resultado de pesquisa finalizado tem possibilidade de ser anexado ao sistema para download no prazo de dez dias. Entretanto, somente o login autorizado poderá baixar o conteúdo do servidor.

O conteúdo original, na maioria das vezes, não é retirado do acervo mas sim, criado uma cópia somente com o fragmento de vídeo solicitado. Quando necessário a retirada do documento audiovisual original, este é bipado e o pesquisador acorda em um termo de devolução em dois dias úteis.

Deste modo, o profissional organiza e estrutura a informação. E o pesquisador ou sujeito cliente do ACERVO, problematiza, organiza e estrutura novamente o documento conforme a necessidade de uso do vídeo.

Outro ponto que deve ser ressaltado é o uso do material para fins externos. O ACERVO SP não empresta os documentos para quaisquer outras empresas externas a Globo.

5.3.3 Organização e Identificação

Entende-se que o centro de documentação possui uma forte marca dentro da instituição que garante sua permanência e assistência para as produções da emissora.

Todos dependem e demandam muito do CEDOC. Acho que se criou uma independência grande. Hoje, já virou uma marca. As pessoas daqui da Globo, em vez de pedirem uma pesquisa, falam: me vê um CEDOC (ANA PINHO em entrevista para o website De olho na carreira, 2013)²³.

No ACERVO SP, os documentos audiovisuais são organizados respeitando o conjunto de formatos documentais. Entretanto, na literatura de Silva e Carvalho (2014) os documentos audiovisuais devem ser mantidos com os outros gêneros documentais, independente do suporte, formato ou outra característica que difere dos demais. Isto porque os audiovisuais não devem ser considerados isolados dos outros documentos convencionais, configurando assim, uma relação orgânica com entre si.

Cada documento audiovisual possui uma ficha catalográfica situada em outro espaço físico contendo a descrição do conteúdo, conforme explicitado no subitem anterior. Para a identificação do documento, elaboraram-se os termos controlados que identificam primariamente as classes de conteúdo.

Quadro 9 - Classes de conteúdo do ACERVO Globo São Paulo

Classe	Conteúdo
50	Esporte
51	Assuntos diversos/Carnaval/ Jornalístico

²³ Reportagem disponível em <https://deolhonacarreira.com/2013/12/09/pouco-conhecido-o-cedoc-e-um-departamento-vital-para-o-jornalismo-da-tv-globo/> Acesso em 10 out. 2017.

53	Umatic
----	--------

Fonte: Elaborado pelo autor

Os conteúdos foram divididas em três classes distintas conforme o quadro 6. Posteriormente, é acrescentado um código sequencial de registro para verificar a quantidade de documentos custodiados pelo setor. Desse modo, a classificação do documento SP50-04321, ficaria conforme ilustrado na figura 10.

Figura 10 - Classificação do documento audiovisual do ACERVO Globo São Paulo



Fonte: Elaborado pelo autor

Os microfilmes, por serem considerados documentos que necessitam de aparelhagem específica, tendem a ter um custo maior para o setor. Por isso, qualquer decupagem (técnica que passa o conteúdo para uma fita de vídeo) é realizada por uma produtora, ficando sob sua custódia os custos do processo.

5.3.4 Preservação e conservação

As instituições que contêm acervos audiovisuais mantêm os desafios de manutenção e preservação dos documentos à longo prazo. Uma das questões que são abordadas é a obsolescência dos equipamentos e dos próprios documentos em uso. Os microfilmes, por exemplo, são utilizados pelo ACERVO SP somente com um aparelho leitor no setor.

Para preservar o conteúdo dos documentos audiovisuais do ACERVO, foram necessários que os colaboradores digitassem as fichas catalográficas dos documentos. A digitalização faz parte do processo de conservação preventiva, que estuda, controla e atua em elementos ambientais como temperatura, radiação, sujeira e campos magnéticos (BUARQUE, 2008). A boa administração de documentos gerados através dos audiovisuais fazem parte dos princípios de práticas de preservação do Projeto Memória do Mundo da UNESCO. Classificar e documentar o conteúdo do audiovisual implica nas perdas desnecessárias e nas manipulações duplas. Várias instituições lamentam a destruição do patrimônio documental por não garantirem a boa administração dos documentos bem como a migração do conteúdo para um formato diferente.

No sistema e no servidor interno do ACERVO, as informações são recuperadas através dos dados preenchidos em metadados, reduzindo os limites de erros. O Programa Memória do Mundo encoraja a digitalização e a microfilmagem como meios de proporcionarem o acesso universal aos documentos.

Para os dados ambientais, os funcionários do ACERVO verificam a temperatura constantemente, referindo-se aos dados de 21° c e com 50% de Umidade 24 horas por dia, durante todo o ano. Os requisitos ideais variam de de tipo de material envolvido. Fatores externos como telhados com goteiras, janelas quebradas, manuseio incorreto fazem parte do contexto de minimizar a vida útil dos documentos. Não foram encontrados no ACERVO SP nenhum dos fatores externos que prejudiquem a massa documental.

A maneira como o material é manuseado, adentra entre os estudos da conservação preventiva. Os documentos mais antigos como os microfilmes são manuseados com luvas para que não haja marcas das digitais nos registros.

5.3.5 Memória

Os documentos audiovisuais têm um papel crucial no patrimônio cultural bem como na memória coletiva do Brasil. A Rede Globo do projeto ligado indiretamente ao ACERVO Rio e São Paulo: é o Memória Globo²⁴.

Memória Globo é a área que conta a história de mais de 50 anos da Rede Globo, criada pela historiadora Sílvia Fiuza*, em 1999. As novelas, minisséries, telejornais, coberturas jornalísticas e esportivas, programas de humor, auditório, variedades, infanto juvenis, entre outros, produzidos e exibidos em todos esses anos, são pesquisados por uma equipe de jornalistas, historiadores e antropólogos. Além disso, desenvolve um programa de história oral com centenas de profissionais que ajudam ou ajudaram, diariamente, a levar informação e entretenimento à casa de milhões de brasileiros. São entrevistas com jornalistas, autores, atores, apresentadores, diretores, engenheiros, executivos, cinegrafistas, produtores, cenógrafos, figurinistas, editores, iluminadores, entre outros, que, ao falarem sobre suas histórias de vida, com ênfase na trajetória profissional, fornecem elementos para traçar um panorama da história da Globo e da televisão no Brasil (MEMÓRIA GLOBO, 2017 – website).

Na descrição do *website* da Memória Globo (2017), apresenta-se um contexto que se relaciona com a aprendizagem organizacional em contextos de mudanças e inovações. Isso pois, a informação capturada na memória oral dos colaboradores podem ser usufruídas posteriormente por outros funcionários da empresa. Os vídeos, as fotos e os materiais especiais que são custodiados pela emissora garantem a longevidade de memória organizacional e da memória brasileira.

Quando o projeto Memória Globo “desenvolve um programa de história oral com centenas de profissionais que ajudam ou ajudaram, diariamente, a levar informação e entretenimento à casa de milhões de brasileiros” (MEMÓRIA GLOBO, 2017, Website), tal fala propõem uma representação de memória na organização baseada nos sujeitos que a compõem em diferentes complexidades. Continua: “São entrevistas com jornalistas, autores, atores, apresentadores, diretores, engenheiros, executivos, cinegrafistas, produtores, cenógrafos, figurinistas[....]” (MEMÓRIA GLOBO, 2017 – website).

²⁴ Memória Globo: Links disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/quem-somos/> Acesso em 17 out de 2017.

Outro ponto referenciado que o ACERVO colabora é com o *Projeto Memória do Mundo*, sendo que os conteúdos dos produtos ofertados pela Globo demonstram aporte a cultura de épocas variadas, localidades nacionais e internacionais e demonstram grandes produções que testemunham e registram o tempo em um documento. Este devendo ser guardado e preservado como patrimônio nacional.

Não são confeccionados produtos diretamente ligado ao ACERVO São Paulo e Rio de Janeiro. O que acontece é um auxílio do setor para a confecção dos projetos.

Conclui-se que, os documentos não convencionais custodiados pela emissora Rede Globo são documentos de arquivos como quaisquer outros pois foram produzidos e mantidos pela mesma para complementarem parte do patrimônio documental da emissora.

CONSIDERAÇÕES

As relevâncias desta pesquisa recaem sobre a carência de produções científicas que abordam os materiais especiais e os documentos audiovisuais no contexto das emissoras de televisão.

Frente ao objetivo geral da pesquisa, os materiais especiais e os documentos audiovisuais colaboram com o crescimento institucional mediante dois aspectos: Para os materiais especiais, são fornecidas indumentárias e objetos que constituem os projetos da Rede Globo, como: novelas, séries, filmes, programas de televisão. E desse modo, retratam e caracterizam a informação dentro do contexto de criação.

Estes mesmos produtos, quando finalizados - partes ou inteiros - são registrados em suportes informacionais (Fitas, Discos ópticos, U-matic) que por consequência, são arquivados para usos futuros no ACERVO São Paulo. Desse modo, os audiovisuais pertencem fazer parte do patrimônio histórico da Globo compondo a memória empresarial. Por outro lado, os documentos são de usos frequentes para novas produções da emissora, constituindo um ciclo de uso e reuso da massa documental audiovisual.

Entende-se em primeiro grau as dificuldades de embasamentos para as terminologias dos documentos não convencionais pois permitem as utilizações de termos e de expressões variadas promovendo a dispersão nas discussões sobre o objeto de estudo. Além disso, dificultam a realização de pesquisas que possam embasar teoricamente nova produções acadêmicas na medida em que são termos diferentes que são utilizados a cada produção.

Em um segundo momento, o propósito da pesquisa procurou embasar a relação dos arquivos em dois contextos: os materiais especiais e os audiovisuais do ACERVO São Paulo da Rede Globo. Entende-se que o patrimônio documental da emissora em questão é vasto e de grande relevância social, cultural, econômica e tecnológica. Pensar nesse acervo potencialmente rico, é preservar a história da nação em termos da composição entre as

imagens e objetos que promovem os produtos da emissora. Estes por sua vez, se perpetuaram na memória da sociedade.

Frente às inúmeras adversidades de falta de políticas de preservação, incentivo e fomento financeiro e estrutural, é necessário ressaltar a importância das instituições que custodiam os documentos audiovisuais - imagens e/ou imagens em movimento. Estimulam-se os acessos para os pesquisadores de várias áreas que necessitam dos audiovisuais para modo de ilustração, prova, fonte e inspiração; Cuida-se fisicamente do acervo diversificado de maneira a preservá-lo para a posteridade; E contribui para a crescente memória coletiva da nação baseada nos documentos audiovisuais.

Dentro do contexto dos materiais especiais, salienta-se o ciclo de uso para com os acervos indumentários. Estes, são transformados e (re)transformados para a utilização em novas produções.

De fato, os arquivos de emissora de televisão são caracterizados pelos diferentes suportes e manuseados de acordo com a necessidade e o desejo específico do projeto. Além disso, é necessário acrescentar na literatura da Arquivologia, novas pesquisas que adentram em métodos, técnicas e possibilidades de experiências para com arquivos diferentes ao papel.

Como consequência, a empresa passa a exercer uma possível dinamicidade para com o seu acervo e com isso, acarreta em um ambiente voltado para o conhecimento e a trajetória da organização. Por tratar-se de um novo cenário de atuação para os arquivistas, ampliam-se as possibilidades de fazeres criativos como exposições, conferências, construção de novos produtos e para a própria constituição da memória organizacional.

Quando se estende o conceito de documento para além dos registros textuais, integra-se o contexto e as leituras individuais a fim de que o sujeito componha uma relação e apropriação com o objeto informacional. Constata-se ainda, a forte influência da fisicalidade e aos suportes informacionais do documento na arquivologia, mas que se abre para discussões sobre a informação como insumo fundamental que possibilita a construção do registro documental.

Devido às circunstâncias que fogem do controle desta pesquisa, não foi possível a averiguação presencial no arquivo indumentário da emissora. Mas que, para pesquisas futuras, há possibilidades de analisar o fluxo documental do setor das indumentárias bem como, trazer uma nova ótica que conduzirão para descobertas e práticas que agregam na área da arquivologia.

Com a visita programada ao ACERVO SP da Rede Globo, compreendeu-se a dimensão do espaço físico e do conteúdos custodiados pelo departamento. Isto é, pela vasta e grande quantidade de material, foram divididos os arquivos entre as localidades de Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta divisão, os documentos audiovisuais no ACERVO é a atividade fim da emissora mas que ainda estão em uso frequente por serem consideradas parte fundamental para a composição de novas criações.

O acervo é utilizado diariamente em uma dinâmica de pedidos internos para que os conteúdos possam ser utilizados em outras programações. No Brasil, é comum as emissoras custodiarem seus próprios arquivos midiáticos, cuja função é salvaguardar o seu patrimônio televisivo. Acontece que, é necessário políticas que garantem a vida útil dos documentos bem como uma gestão documental no arquivo permanente ou na massa falida para que não ocorram perigos de destruição do acervo. A Rede Globo garantem uma infraestrutura de manutenção e custódia de grande porte para com o acervo, pois entende os valores agregados a cultura e a informação atrelados aos seus documentos.

A difusão externa do patrimônio ainda é iniciante, visto que a empresa poderia utilizar do acervo para promover a marcar Globo em projetos como a Memória Mundo da UNESCO. Quanto a preservação, salienta-se a digitalização dos conteúdos como um todo. Isto pois os suportes podem se deteriorar com o tempo ou com o manuseio incorreto.

Neste sentido, pensar no acervo televisivo aberto às novas possibilidades de conhecimento e de crescimento da área do saber, possibilitando as discussões que norteiam as políticas de arquivamento de materiais especiais bem como dos audiovisuais. Entende-se que o contexto de

outros arquivos de televisão não são parecidos com o descrito nesta pesquisa, mas que sirva de base inicial para a compreensão dos arquivos televisivos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, D. P. dos R. et al. Paradigmas contemporâneos da Ciência da Informação: a recuperação da informação como ponto focal. **Revista Eletrônica Informação e Cognição (Cessada)**, v. 6, n. 1, p. 20-24, 2007. Disponível em <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/reic/article/view/745/647> . Acesso em 20 Fev 2018.
- ANDRADE, R. Por debaixo dos panos: cultura e materialidade de nossas roupas e tecidos. **PAULA, Teresa Cristina Toledo de. Tecidos e sua conservação no Brasil: museus e coleções. São Paulo: Museu Paulista da USP**, p. 72-76, 2006.
- ARANTES, P. Livro/Acervo, Para Além do Arquivo e Arquivo Vivo: uma trilogia possível. **ARS (São Paulo)**, v. 12, n. 24, p. 9-18, 2014.
- ARAÚJO, C. A. Á. **Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da informação: o diálogo possível**. Brasília, DF: Briquet de Lemos: São Paulo, SP: Associação Brasileira de Profissionais da Informação, 2014.
- ARAÚJO, W. T. Uso da informação audiovisual em bibliotecas: dados de pesquisas. *Informação & Sociedade*, v. 2, n. 1, 1992. Disponível em <<http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/13963>> Acesso em 10 Abr 2018.
- ARELLANO, M. Á. M. As coleções de obras raras na biblioteca digital. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, 1998. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6319/1/Dissert_Arellano.pdf> Acesso em: 15 Jun 2017.
- ARQUIVO NACIONAL. (Brasil). **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.
- ARROYO, J. M. I.; FERNÁNDEZ, F. S. Reflexiones sobre" documento" palabra/objeto (I). **Boletín Millares Carlo**, n. 5, p. 161-198, 1982.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BELLOTO, H. L. **Arquivo: estudos e reflexões**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- BELLOTO, H. L. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006a.
- BENDER, L. A. P.; SIMIONATO, A. C.; DE ALBUQUERQUE, A. C.. As coleções especiais em bibliotecas: a catalogação de moedas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 21, n. 1, p. 76-88, 2016.

BORBA, V. R. et al. Políticas de formatos de arquivos para objetos de aprendizagem: preservação digital no saber tecnologias educacionais e sociais. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 15, 2014.

BORGES, R. S. Objetos tridimensionais em arquivos científicos: levantamento preliminar nos arquivos de custódia do Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz. In: **ENCONTRO DE ARQUIVO CIENTÍFICOS**, III, 26 a 27 de setembro de 2007, Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, p. 23-31, 2008.

BOWMAN, M. et al. How the Dark Horse Came in: Portland State University Library Acquires Dark Horse Comics Archives . College & Research Libraries News 70.10 (November 2009): 570-572.

BRASIL. Lei nº 8.159 de 8 de janeiro de 1991. Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8159.htm> Acesso em: 15 jun. 2017.

BRASIL, Conselho Nacional de Arquivos. Câmara Técnica de Documentos Audiovisuais, Iconográficos e Sonoros. Glossário Versão 1.1. 2014. Disponível em
http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/images/csais/Glossario_CTDAlSM_V1_1.pdf Acesso em 22 Abr 2018.

BRIET, S. Qu'est-ce que la documentation? Paris: Édit - Éditions Documentaires Industrielles et Techniques, 1951. 48p. Disponível em
<http://martinetl.free.fr/suzannebriet/questcequeladocumentation/briet.pdf>
Acesso em 22 Jun de 2017.

BRITO, L. S. Arquivos especiais: caracterização e identificação dos suportes, das formas e dos formatos. **Ponto de Acesso**, v. 6, n. 1, 2012. Disponível em:
<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/12415>>. Acesso em: 18 Jan. 2017.

BRODSKY, M. HYDE, G. Surviving the Downturn: Challenges Faced by Appalachian Regional Collections During a Time of Reduced Resources. **Journal of Archival Organization** 10.3-4 (July 2012): 165-190.

BUARQUE, M. D. Estratégias de preservação de longo prazo em acervos sonoros e audiovisuais. In : ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL (9:2008; São Leopoldo, RS). Anais... Rio de Janeiro: Associação Brasileira de História Oral ; São Leopoldo, RS : UNISINOS, 2008. 9f.

BUCKLAND, M.K. Information as thing. Journal of the American Society for Information Science (JASIS), v.45, n.5, p.351-360, 1991. Tradução de Luciane Artêncio. Disponível em
<<http://www.uff.br/ppgci/editais/bucklandcomocoisa.pdf>> Acesso em 08 Jun de 2017.

BUSETTO, A. Vale a pena ver de novo - organização e acesso a arquivos televisivos na França, Grã-Bretanha e no Brasil. *História* (São Paulo), v. 33, n. 2, p. 380-407, 2014.

CAMARGO, A. M. A. Arquivo, documentos e informação: velhos e novos suportes. **Arquivo & Administração**, v. 15-23, n. 1, p. 34-40, 1994. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/3812>>. Acesso em: 30 Ago. 2017.

CAMARGO, C. R. et al. CPDOC 30 anos. 2003. Disponível em <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/6714/1350.pdf>> Acesso em 13 Jun 2018.

CAMPOS, J. F. G. **Preservando a memória da ciência brasileira: os arquivos pessoais de professores e pesquisadores da Universidade de São Paulo**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-11122014-190123/en.php> Acesso em 05 Jul de 2017.

CAMPOS, M. L DE A. Liguagem documentária: teorias que fundamentam sua elaboração. Niterói, Eduff, 2001, 133p. Disponível em <<http://www.uff.br/ppgci/editais/linguagem.pdf>> Acesso em 05 Jun de 2017.

CASSARES, Norma Cianflone. Como Fazer Conservação Preventiva em Arquivos e Bibliotecas / Norma Cianflone Cassares e Cláudia Moi. São Paulo: Arquivo do Estado e Imprensa Oficial, 2000.80 p. (Projeto Como fazer, 5).

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - ENANCIB, 5., 2003. Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2003.

CARO MARTÍN, A.; GÓMEZ PRADA, R. RDA and Rare Materials at the National Library of Spain. **Cataloging & Classification Quarterly**, New York, v. 54, n. 5-6, p. 305-316, 2016.

CARUCCI, P. **Le fonti archivistiche: ordinamento e conservazione**. La nuova Italia scientifica, 1983.

CASANOVA, Eugenio. **Archivística**. 2. ed. Siena: Stab. Arti Grafiche Lazzeri, 1966.

CAVALCANTE, R. B.; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K.. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 24, n. 1, 2014.

CHAGAS, M. S. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área da documentação. *Cadernos de Sociomuseologia*. V.2, n.2, May 2009.

CHAMBON, A.; JOHNSTONE, M.; WINCKLER, J.. The material presence of early social work: The practice of the archive. **British Journal of Social Work**, v. 41, n. 4, p. 625-644, 2011.

COOK, T. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, v. 11, n. 21, p. 129-150, 1998. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>. Acesso em 05 Jul de 2017.

DAHLBERG, I. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, v. 6, n. 1, p. 9-21, 1978. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/8680>>. Acesso em: 07 Jun. 2017.

DARMS, L. Study in Documents: The Archival Object: A Memoir of Disintegration. **Archivaria**, n. 67, p. 143-155, 04 2009.

DELMAS, B. **Arquivos para que?:** textos escolhidos – São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2010. 196p.

DIEUZEIDE, H. Les techniques audiovisuelles dans l'enseignement. Paris: Puf, 1965.

DOGO, G. O jornalismo cultural e o espetáculo dos museus no século XXI. 2015. Disponível em https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2016/04/Guilherme-Dogo_Semin%E2%80%A0rio-2015.pdf Acesso em 14 Jun 2018.

DOOLEY, J. M., and KATHERINE L. 2010. Taking our pulse: The OCLC Research survey of special collections and archives. Dublin, Ohio: **OCLC Research**. Disponível em <http://www.oclc.org/content/dam/research/publications/library/2010/2010-11.pdf> . Acesso em 30 de Junho de 2016.

DURAN PILA, G.; CALDERA SERRANO, J. Presence of audiovisual information in Spanish digital newspaper. **Documentacion de las Ciencias de la Informacion**, v. 37, p. 221-229, 0 2014.

DURANTI, L. Registros documentais contemporâneos como provas de ação. **Revista Estudos Históricos**, v. 7, n. 13, p. 49-64, 1994. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1976> Acesso em 22 Jun de 2017.

DUTRA, M. S. L.; SANTANA, R. C. S. G. A.; MACEDO, D. D. J. Sublimação de dados: dos objetos físicos às nuvens. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, v. 17, 2016.

ESCARPIT, R. L'information et la communication: théorie générale. Paris: Hachette Superieur, 1991. (Hachette Université Communication). Publicado originalmente em 1976.

EDMONDSON, R. Uma filosofia de arquivos audiovisuais. Cadernos BAD, n. 1, 2001.

EDMONDSON, R. Arquivística audiovisual: filosofia e princípios / Ray Edmondson. Trad. de Carlos Roberto Rodrigues de Souza. – Brasília : UNESCO, 2017. 100 p.

FERRAZ, B. C. B. **Difusão do patrimônio audiovisual de televisão pela internet: o caso do Instituto Nacional do Audiovisual (INA)**. 2017. Tese de Doutorado.

FERREIRA, L.H.G; CALDAS, R.F. Proposta de uso da terminologia do documento arquivístico em suportes informacionais diferenciados. Perspectiva em ciência da informação. 2017, no prelo.

FIGUEIREDO, N.M.A. Método e metodologia na pesquisa científica. 2a ed. São Caetano do Sul, São Paulo, Yendis Editora, 2007.

FLOR, K. K. R. V. Identificação de tipologia documental como metodologia para organização de arquivos de arquitetura. **Biblionline**, v. 13, n. 2, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/28074>>. Acesso em: 07 Mar. 2018.

FONTANELLI, S. A. Centro de memória e ciência da informação: uma interação necessária. Trabalho de Conclusão de Curso. USP. São Paulo, 2005.

FROHMANN, B. Documentation redux: prolegomenon to (another) philosophy of information. *Library Trends*, v. 52, n. 3, 2004

GAGETE, E. TOTINI, B. Memória empresarial: uma análise de sua evolução. In: NASSAR, P. (Org.) **Memória de empresa**: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações. São Paulo: Aberje, 2004, p.113-126

GASTAMINZA, F. Documentación audiovisual: Nuevas tendencias en el entorno digital. **Revista Espanola de Documentacion Cientifica**, Madrid, v. 36, n. 1, p. 1-2, Jan 2013.

GOULART, S. Como elaborar projetos de memória institucional. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 2005. [Manual]

GROBOVSEK, J. (2012). Documentation of cultural heritage objects. **Knjiznica**, 56(3), 149-159. Retrieved from Disponível em <<https://search.proquest.com/docview/1315865487?accountid=8112>> Acesso em 19 jan de 2017.

HARRISON, H. P. Audiovisual archives : a practical reader / edited and compiled by Helen P. Harrison [for the] General Information Programme and UNISIST. - Paris : UNESCO, 1997. - xi, 429 p.

HASE, S.; GALT, J. Records management myopia: a case study. **Records Management Journal**, Bradford, v. 21, n. 1, p. 36-45, 2011.

HAYES, P. J. Archivists Use Collections to Observe Papal Visit. *The Catholic Library World*; Pittsfield 86.2 (Dec 2015): 93.

HEREDIA HERRERA, A. ¿ Qué es un archivo. **Gijón: Ediciones Trea**, p. 58, 2007.

HERRERA, A. H. **Archivística general**: Teoria e prática. Diputación Provincial de Sevilla: Sevilla, 1993. 6. ed. p. 119 – 154.

HOMERO, A. Patrimônio imaterial: problema mal-posto. **Diálogos**, DHI/PPH/UEM, v. 10, n. 3, p. 97-116, 2006. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3055/305526866007/>>, Acesso em: 22 de jun. de 2016.

ISO 15489-1:2016 Information and documentation -- Records management -- Part 1: Concepts and principles. Disponível em <<https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:62542:en>> Acesso em 26 Fev 2018.

JARDIM, J. M. A invenção da memória nos arquivos públicos. **Ciência da Informação**, v. 25, n. 2, p. 209-211, 1995.

JENKINSON, H. S. A manual of Archive Administration. Oxford: Oxford University Press, 1922.

JORDÁN, V. H. A. Diccionario de términos archivísticos. 2003.

KOCH, G. - A typology of media archives. 1993. 8 p. Disponível em <http://memoriav.ch/wp-content/uploads/2014/07/2009_08_24_ifla_typology.pdf> Acesso em 22 Abr 2018.

KUHN, T S. A Estrutura das revoluções científicas. São Paulo: Perspectiva, 2009. 1991

LE GOFF, J. História e memória. 2003.

LEIGH, C. From filing cabinet to cultural centre: creating a community history centre in wanneroo western australia. **Australasian Public Libraries and Information Services; Blackwood 25.2** (Jun 2012): 83-88. Disponível em: < <http://search.proquest.ez87.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1019309335/fulltextPDF/25A6A5CBF964B1FPQ/1?accountid=8112>>. Acesso em: 06 fev. de 2017.

LI, X. A new robust relevance model in the language model framework. **Information Processing & Management**, Oxford, v. 44, n. 3, p. 991, 05 2008.

LIMA, P.H. Há 52 anos, estreava no Brasil a TV Globo, atualmente a segunda maior emissora do mundo. Observatório da Televisão. 2017. Disponível em <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/historia-da-tv/2017/04/ha-51-anos-estreava-no-brasil-a-tv-globo-atualmente-a-segunda-maior-emissora-do-mundo> Acesso em 18 Abr 2018.

LISIUS, P. H. Cataloging of audiovisual materials and other special materials. **Technical Services Quarterly**, Philadelphia, v. 27, n. 1, p. 138, 2010.

LOPES, L. C. **A informação e os arquivos: teorias e práticas**. Niterói (RJ): EDUFF; São Carlos (SP): EDUFSCar, 1996.

LOPES, M.; DOTTA, C. Para uma abordagem ciotemporânea do documento na Ciência da Informação. 2013a. Disponível em <http://ruc.udc.es/dspace/handle/2183/11621> Acesso em 22 Jun de 2017.

LOPEZ, A. P. A. Arquivos pessoais e as fronteiras da arquivologia. **Gragoatá**, v. 8, n. 15, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.

MANINI, M. P. Acervos diferenciados: a variedade dos documentos chamados especiais, in DUARTE, Zeny (Org.). **A conservação e a restauração de documentos na era pós-custodial**. Salvador: Edufba, 2014, p. 197-246.

MANINI, M. P. Acervos imagéticos e memória. **Ponto de Acesso**, v. 10, n. 3, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/22663>>. Acesso em: 23 Abr. 2018.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991

MARCONDES, C. H. Interoperabilidade entre acervos digitais de arquivos, bibliotecas e museus: potencialidades das tecnologias de dados abertos interligados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/20699>>. Acesso em: 04 fev. 2017.

MARCO RECIO, J.C. et.al. Main Players in Advertising: Preserving the Heritage of Documentation Centers and Museums. *BiD: Textos Universitaris de Biblioteconomia i Documentacio* 30 (June 2013).

MARTÍN-POZUELO CAMPILLOS, M. P. La construcción teórica en archivística: el principio de procedencia. Madrid: Universidad Carlos III de Madrid: Boletín Oficial del Estado, 1996.

McLEOD, F. Archiving at the Aston Martin Heritage Trust. **Multimedia Information & Technology** 36.3. 2010. Disponível em: <<http://search.proquest.ez87.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/1323210161/abstract/57B168CF89814DEDPQ/1?accountid=8112>> . Acesso em: 06 Jan. 2017.

MEYRIAT, J. Document, documentation, documentologie. Schéma et Schématisation, 2º trimestre, n. 14, p. 51-63. 1981

MOLTO, M.B. Title Change Characteristics of Academic and Nonacademic Serials: Implications for Identifying New Serial Works. **Library Resources & Technical Services**, Chicago, v. 61, n. 1, p. 13-42, 01 2017.

MOUSSE, S. Fábrica de figurinos da TV Globo tem cem mil itens no acervo. O Globo. Disponível em <https://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/fabrica-de-figurinos-da-tv-globo-tem-cem-mil-itens-no-acervo-3132255> Acesso em 13 out de 2017.

NEGÓCIOS GLOBO. Manual de práticas comerciais. Globo, 2013 40p. Disponível em <<http://negocios8.redeglobo.com.br/PDF/MidaKit/manual%20de%20praticas%202013.pdf>> Acesso em 18 Abr 2018.

NOORDEGRAAF, J. Remembering the past in the dynarchive: the state of knowledge in digital archives. In: **CONFERENCE MEDIA IN TRANSITION: unstable platforms: the promise and peril of transition**, 7., 2011. [Abstracts and papers]. Boston: MIT, 2011.

OLIVEIRA, A. G. Preservação de acervo audiovisual. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, v. 9, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/20991>>. Acesso em: 23 Abr. 2018.

ORTEGA, C. D. et al. Documento e informação, conceitos necessariamente relacionados no âmbito da Ciência da Informação. 2013b. Disponível em <http://200.20.0.78/repositorios/bitstream/handle/123456789/1019/Documento.pdf?sequence=1> Acesso em 22 Jun de 2017.

OTLET, P. Documentos e documentação. Disponível em: . <http://www.conexaorio.com/bit/otlet/> . Acesso em 22 Fev 2018.

PACKER, A. L.. **Os periódicos brasileiros e a comunicação da pesquisa nacional**. *Rev. USP* [online]. 2011, n.89, pp. 26-61. ISSN 0103-9989.

PADRON, D.L; JORENTE, M.J.V. Complejidad, representacion y acceso a la información archivística em los nuevos contextos paradigmáticos (pp.103 a122). In: JORENTE, M.J.V.; PADRON, D. L. (org.) **Una Mirada a la Ciencia**

de la Información desde los Nuevos Contextos Paradigmáticos de la Posmodernidad. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, v. 1, 2017.

PAES, M. L. Arquivo: teoria e prática. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

PAULINO, M. C. P. Da teoria a prática: tratamento arquivístico de fotografia. **Archeion Online**, v. 5, 2017. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/28310>>. Acesso em: 07 Jul. 2017.

PEREIRA, N. M. A.; SILVA, J. L. C. Entre o letramento informacional e o serviço de informação utilitária: uma análise a partir dos programas e projetos educacionais da secretaria municipal de educação de Juazeiro do Norte - CE. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, v. 4, n. 1, p. 251-276, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/15131>>. Acesso em: 07 Jul. 2018.

RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. Á.. O ato colecionador: perspectivas contemporâneas The collector act: contemporary perspectives. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 20, n. 2, p. 185-199, 2015.

RENDÓN ROJAS, M. A. La ciencia de la información en el contexto de las ciencias sociales y humanas. Ontología, epistemología, metodología e interdisciplina. *DataGramZero*, v. 9, n. 4, ago. 2008.

RONDINELLI, R.C. O documento arquivístico ante a realidade digital: uma revisão conceitual necessária. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. 280p

SÁ FREIRE, P et al. Memória organizacional e seu papel na gestão do conhecimento. **Revista de Ciências da Administração**, v. 14, n. 33, 2012.

SANTOS, H. M.; FLORES, D. O DOCUMENTO DIGITAL NO CONTEXTO DAS FUNÇÕES ARQUIVÍSTICAS. **Páginas a&b**, p. 165-177, 2016.

SALOMON, K.; ROSSETTI, A. Collaborative collection development for the getty research portal. **Journal of Electronic Resources Librarianship**, Philadelphia, v. 26, n. 3, p. 207, 2014.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.41-62, jan./jun. 1996. Disponível em <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/235/22> Acesso em 07 Jun de 2017.

SÁ-SILVA, J. R.; DE ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 1, n. 1, 2015.

SC TANUS, G. F.; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. Á. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2013.

Disponível em <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/220> Acesso em 23 Jun de 2017.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**: princípios e técnicas. 6. ed. Tradução de Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
SCHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos**. FGV Editora, 2002.

SHEPHERD, E. Culture and evidence: or what good are the archives? Archives and archivists in twentieth century England. **Archival Science**, Dordrecht, v. 9, n. 3-4, p. 173-185, 2009.

SILVA, R. C.; CALDAS, R. F.. ARQUIVOS HÍBRIDOS: reflexões para a transição de estruturas organizacionais. **Páginas a&b**, p. 146-164, 2016.

SILVA, A. H; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, v. 16, n. 1, 2015.

SILVA, A. M. da; RIBEIRO, F. - Das "Ciências" Documentais à Ciência da Informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular. Porto: Edições Afrontamento, 2002. (Biblioteca das Ciências do Homem. Plural; 4). ISBN 972-36-0622-4. p. 37.

SILVA, L. L. A. S.; CARVALHO, T. C. Discurso e práxis do documento audiovisual nos arquivos: perspectivas de organização arquivística. **Archeion Online**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em:
<<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18601>>. Acesso em: 30 Ago. 2017.

SILVA, L. A. S. da. Abordagens do documento audiovisual no campo teórico da arquivologia. 2013. 141 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/93678>>. Acesso em 10 Abr 2018

SIMILI, I. G. As roupas como documentos nas narrativas históricas/Clothes as documents in historical narratives. **Patrimônio e Memória**, v. 12, n. 1, p. 237-261, 2016.

SMIT, J. W. O documento audiovisual ou a proximidade entre as 3 marias. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 26, n. 1/2, p. 81-85, 1993.

SOLTERO, A. P. El papel de las Tecnologías de la Información y la memoria organizacional dentro de las Empresas Inteligentes. **Novática: Revista de la Asociación de Técnicos de Informática**, n. 182, p. 52-55, 2006.

SOUZA, B. B. S.; SOUZA, J. C. C. E. Princípios para análise da partitura musical como documento arquivístico. **Archeion Online**, v. 2, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/18609>>. Acesso em: 14 fev. 2017.

TANUS, G. F. DE SC .; RENAULT, L. V.; ARAÚJO, C. A. Á.. O conceito de documento na Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **RBBB. Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 8, n. 2, p. 158-174, 2013.

TEIXEIRA, L. C.; GHIZONI, V. R. Conservação preventiva de acervos. **Florianópolis: Fcc**, 2012. Disponível em http://www.fcc.sc.gov.br/patrimoniocultural/arquivosSGC/DOWN_151904Conse rvacao_Preventiva_1.pdf Acesso em 30 Agos 2017.

TEIXEIRA, R. et al. Desenhando uma biblioteca digital de obras raras: um estudo de caso na biblioteca do Instituto de Física. **Biblionline**, v. 12, n. 3, p. 212-225, 2016.

TOGNOLI, N. B. A contribuição epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea. 2010. Disponível em https://www.marilia.unesp.br/Home/PosGraduacao/CienciadaInformacao/Disser tacoes/tognoli_nb_me_mar.pdf Acesso em 28 Jun de 2017.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987

VIEIRA, T. O. Os documentos especiais à luz da arquivologia contemporânea: uma análise a partir das instituições arquivísticas públicas da cidade do rio de janeiro. Dissertação de Mestrado / Programa de Pós-graduação em Gestão de Documentos e Arquivos da Universidade Federal do Estado do Rio do Janeiro (**UNIRIO**). Rio de Janeiro. 2014.

VITORIANO, M. C. de C. P. **Obrigação, controle e memória. Aspectos legais, técnicos e culturais da produção documental de organizações privadas**. 2011. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
WALSH, J.P.; UNGSON, G.R. Organizational memory. *Academy of Management Review*, Biarcliff Manor, v.16, n.1, p.57-91, 1991.

UNESCO. Divisão da Sociedade da Informação. Memória do mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental. [S. l.], fev. 2002. Preparado para a UNESCO por Ray Edmondson. Disponível em <https://mowlac.files.wordpress.com/2012/07/diretrizes-para-a-salvaguarda-do-patrimc3b4nio-documental.pdf>> Acesso em 23 Abr 2018.

VOSS, A. M. P.; MARTINS, C. D. A terminologia e o microfilme. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, v. 4, n. 4/6, p. 150-157, 1974. Disponível em: <<http://www.brapci.inf.br/v/a/10672>>. Acesso em: 19 Abr. 2018.

YEO, G. Concepts of record (1): Evidence, information and persistente representation. **The American Archivists**, v.70, p.315-343, 2007. Disponível em

<<http://www.americanarchivist.org/doi/pdf/10.17723/aarc.70.2.u327764v1036756q>>. Acesso em 05 Jun de 2017.

ZANELLA, F.. Documentar as Artes. Entre dois Pólos: um Arquivo de Objetos e Papeis e um Arquivo Nativo digital. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v. 7, n. 2, p. 4-22, 2016.

ZHANG, W. et.al. Documenting liberal arts education from a faculty's perspective: the Rollins College oral history archive. **College and Undergraduate Libraries** 14.2 (0, 2007): 25-38. Disponível em <<http://search.proquest.ez87.periodicos.capes.gov.br/lisa/docview/57702300/9148A55E1E784169PQ/1?accountid=8112>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

ANEXOS

ANEXO 1 – Formulário de solicitação de Auxílio à Pesquisa

Formulário de Solicitação de Auxílio à Pesquisa – Globo

Instruções:

1. A Globo auxilia pesquisadores regularmente matriculados em universidades e professores;
2. A emissora auxilia pesquisas preferencialmente relacionadas às suas áreas de atuação, por exemplo: telejornalismo, mídia, teledramaturgia, televisão, engenharia de telecomunicações, etc.
3. Para iniciar o processo de pesquisa, o solicitante deve juntar, a este formulário, ofício assinado pelo orientador do projeto, em papel timbrado da universidade, confirmando o objetivo da pesquisa e o vínculo acadêmico;
4. O solicitante deve preencher os campos abaixo com as principais informações do projeto de maneira sucinta e clara;
5. O solicitante deve destacar o atual estado da pesquisa, se já foi apresentada em anais de congresso, capítulos de livros ou outras informações que considerar relevantes;
6. O solicitante deve incluir um resumo, em português, do projeto com, no máximo, vinte laudas, apresentando os seguintes tópicos: introdução (caracterização do problema, questões, hipóteses); objetivos; argumentação teórica; justificativas; metodologia; cronograma das atividades; e referências;
7. Se a solicitação incluir entrevistas, indicar sugestões de profissionais e a lista das perguntas;
8. Se o pedido for referente a vídeos, descrever o material: nome do programa, período em que foi exibido e o episódio ou trecho que será analisado;
9. Conferir antecipadamente se as informações solicitadas não estão no site do **Memória Globo** (www.memoriaglobo.globo.com) ou em outros sites da emissora;
10. A análise da documentação leva aproximadamente 30 dias;
11. O preenchimento deste e dos demais documentos não garante a aprovação do apoio para a pesquisa;
12. Com a aprovação, será exigido do solicitante que assine o "Termo de Auxílio à Pesquisa". Só após a entrega deste termo assinado é que a pesquisa poderá ser iniciada.
13. Os documentos podem ser enviados por e-mail ou pelo correio.
14. Solicitamos que o pesquisador encaminhe uma cópia da dissertação ou tese para arquivo do Globo Unversidade após apresentação à banca examinadora da sua universidade.

Dados pessoais do solicitante

Nome: Luan Henrique Giroto Ferreira	Profissão: Estudante	Empresa: Unesp/Marília	Cargo:
Telefones: (14)99696-3018	E-mail: luan.giroto@gmail.com		
RG: 40504564-5	Endereço: Rua Thomaz Alcalde, nº 1086 – Palmital Marília/SP		

CPF: 416919678-31	CV Lattes (link): http://lattes.cnpq.br/7518958996553334
Informações sobre o projeto	
Título: A concepção dos documentos arquivísticos em suportes informacionais diferenciados: o caso do CEDOC da Rede Globo	Instituição: Universidade Estadual Paulista - UNESP
	Faculdade / Departamento: Faculdade de Filosofia e Ciências "Júlio Mesquita Filho". Departamento de Ciência da Informação.
	Curso: Ciência da Informação
Orientador: Rosângela Formentini Caldas	CV Lattes do orientador: http://lattes.cnpq.br/1445931826215377
Data máxima para finalizar a pesquisa com a Globo: 01 de Dezembro de 2017 – Data final da dissertação	
Indique o nível da pesquisa (mestrado, doutorado, etc): Mestrado	
Descreva a área principal (p. ex: jornalismo): Ciência da Informação	
Acrescente até cinco subáreas (p. ex: esportes): Arquivologia; Biblioteconomia; Museologia; Ciência da informação	
<p>Resumo (no máximo, 1000 caracteres):</p> <p>Os arquivos são processos vivos de uma instituição, pois atuam no apoio da promoção da memória institucional utilizando-se de documentos em papel e em suportes informacionais. Os arquivos de louças fitas, iconográficos representam um acervo diferenciado e rico de possibilidade de pesquisa para a área da arquivística, contribuindo inclusive para ações de âmbito social. A Rede Globo de produções diante de seu destacado campo de atuação em vários contextos de produção cultural, reconhecida nacional e internacionalmente, contribui indiscutivelmente para a elaboração de tais arquivos especiais. Para tanto, possui o centro de documentação da Rede Globo (CEDOC) e o almoxarifado como importantes ferramentas de trabalho para os profissionais da emissora e da sociedade. Em minha trajetória como pesquisador, procuro identificar estudos diferenciados que possam contribuir com o crescimento do campo arquivístico refletindo ações que corroborem com a melhoria dos acessos e da manutenção de documentos em suportes informacionais diferenciados. Estes estudos contribuem para o desenvolvimento de novos processos de gestão arquivística, bem como para a própria instituição que pode atuar em novos mercados utilizando-se desses acervos enquanto processo vivo de preservação e uso do patrimônio midiático. Para tanto o objetivo do estudo que estou realizando é compreender o processo vivo e funcional dos documentos no almoxarifado e no CEDOC visando assim, a contribuição de tais materiais para a produção da emissora. Deste modo, pretendo visitar as instalações do CEDOC Rede Globo de Produções e coletar dados que possam contribuir para a projeção dos arquivos especiais e de ações no âmbito institucional e social para a construção da memória nacional. E escolha pelos setores de almoxarifado e do CEDOC deram-se pela compreensão de um acervo de referencia no que tange aos arquivos especiais. Ressalta-se que existem poucos estudos nesta área. A coleta de dados se propõem a ser realizada com a visita técnica as localidades, aplicação de entrevista e pesquisa documental nos acervos. Até o momento foi realizado um levantamento bibliográfico em base de dados nacionais e internacionais acerca das</p>	

terminologias existentes e das possibilidades de formatos, formas e suportes diferenciados para arquivos. Este estudo foi enviado para o encontro Ibérico EDICIC afim de abrir discussões com outros pesquisadores da área. Atualmente, os arquivos tem mostrado um conceito de pos-custodialidade que os remetem a novas possibilidades de tecnologias e inovação em seus suportes. Neste sentido, destaca-se o papel social no oferecimento na construção da memória institucional, local e nacional. Uma vez que, atinente às características culturais e históricas próprias da instituição, se fundem com a participação na sociedade.

Objetivos (no máximo, 1000 caracteres):

A pesquisa propõe o objetivo geral de verificar a contribuição dos arquivos especiais do CEDOC da Rede Globo, por meio de suas ações no âmbito institucional e social para a construção da memória. E de forma específica, propõe-se:

- Abranger um panorama acerca dos conceitos consolidados na área de arquivos vivo e arquivo funcional midiático no cenário nacional e internacional.
- Identificar os tipos de documentos para além do papel existentes no CEDOC, tais como acervos de roupas, louças, iconográficos que contribuem para as produções da emissora.
- Verificar, por meio de instrumentos de pesquisa, a organização dos acervos especiais na instituição.
- Elaborar novas concepções teóricas dos arquivos frente ao contexto orgânico e funcional na literatura da área;
- Oferecer subsídios para pesquisas e programas de promoção e visibilidade para a instituição por meio de seus acervos.

Material solicitado (descrever com, no máximo, 1000 caracteres):

Instrumentos de pesquisa:

1. Entrevista com os responsáveis pelo Almoxarifado de pré-produção e CEDOC (ANEXO);
2. Permissão para Visita técnica para observação direta do acervo. Com isso, verificam-se quais os tipos de acervos o almoxarifado de pré-produção e o CEDOC possuem além de como trabalham para contribuir com os novos produtos da emissora.
3. Para a produção documental da pesquisa: Verificar se os setores (almoxarifado de pré-produção e CEDOC) possuem catálogos ou índices (físicos ou digitais) para melhor recuperação da informação e se podem ser consultados para esta pesquisa. Além disso, se o almoxarifado de pré-produção como os acervos indumentários e de objetos produzem documentos administrativos do acervo. Por exemplo: Relatórios, Planejamento, fluxograma.

Informações relevantes (no máximo, 1000 caracteres): A pesquisa se iniciou em março de 2016 e está na fase de coleta de dados.

Anexos enviados

(x) Ofício da Faculdade	(x) Resumo do Projeto
----------------------------------	--------------------------------

APÊNDICES

Apêndice A – Questionário enviado junto a Solicitação de Auxílio à Pesquisa da Globo.

ALMOXARIFADO

Biatriz Nascimento – Supervisora executiva do almoxarifado

1. Quais os tipos de acervos existentes no almoxarifado da emissora? (Por exemplo: Acervos de louças, objetos cenográficos, etc).
2. Para compor uma produção da emissora, os acervos são utilizados e reutilizados conforme quais critérios?
3. Como é realizada a identificação dos acervos da pré-produção?
4. Existe algum sistema informatizado para todos os acervos? Quem tem o acesso a tal sistema?
5. Como é realizada a aquisição dos materiais que compõem o acervo de pré-produção?
6. Outros documentos são produzidos para a emissora? (Por exemplo: planejamento anual, relatório, fotografias).
7. Há peças/materiais do acervo que foram preservados para a memória da empresa? Se sim, quais (cite alguns e os motivos).
8. Quais profissionais trabalham no setor?

ACERVOS INDUMENTÁRIOS

Jorge Vieira – Supervisor executivo do almoxarifado

PRODUÇÃO

1. Para a confecção de um figurino de época é necessária uma pesquisa que evidencie o contexto de produção. Como é feita tal pesquisa e existe um banco de dados que possam ser armazenadas as informações?
2. Os croquis dos figurinos são arquivados? Se sim, podem ser consultados para novas confecções?

USO e ACESSO

1. Para os acervos indumentários, os figurinos são armazenados conforme quais orientações?
2. Na compreensão de arquivo vivo e funcional, todos os documentos indumentários são reutilizáveis para outras produções da emissora? Se sim, quais os critérios para esta transformação?
3. Como é realizado o descarte de peças indumentárias do acervo?

IDENTIFICAÇÃO

1. Cada peça possui uma identificação dentro do acervo?
2. No acervo indumentário, quais as classificações existentes que possibilitam a identificação de uma coleção? (por exemplo: Ano, por temática, por shows, por novelas, por épocas...).

PRESERVAÇÃO e CONSERVAÇÃO

1. Para a reutilização de tal acervo é necessário uma manutenção que condiciona o documento para o uso posterior. Existem critérios para a higienização da peça?
2. Quais são as noções de preservação aplicadas no acervo?

MEMÓRIA

1. No acervo, existem figurinos que marcaram a teledramaturgia brasileira. Há alguma diferenciação na exposição de tais peças de roupas? (por exemplo: um museu de figurinos dentro das instalações da emissora).
2. Para além das produções da emissora, para quais intuitos o acervo é consultado?

CEDOC

Ana Pinho – Supervisora executiva CEDOC

1. Quais os tipos de acervos existentes no CEDOC?
2. Há um sistema informatizado que gerencie o acesso e o uso dos documentos do CEDOC para a emissora?
3. Como são catalogados os documentos no sistema?
4. Como os pedidos são formalizados para o CEDOC?
5. Quais critérios são utilizados para a organização dos documentos no CEDOC?
6. Quais os profissionais que atuam no CEDOC?
7. O CEDOC possui planejamento, relatórios, projetos ou demais documentos que correspondem à atividade fim da organização? Se sim, quais?
8. O CEDOC possui políticas e objetivos mediante a interação com o público (interno e externo)? Se sim, quais?
9. Quais os produtos gerados pelo CEDOC? (Por exemplo: livro, eventos, fotos)